

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS**

**QUALIDADE DE VIDA: PERCEPÇÃO E SATISFAÇÃO EM
VIVER AS CONDIÇÕES DISPONÍVEIS**

ALINE SENS DUARTE

**Florianópolis
Abril de 2012**

ALINE SENS DUARTE

**QUALIDADE DE VIDA: PERCEPÇÃO E SATISFAÇÃO EM
VIVER AS CONDIÇÕES DISPONÍVEIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Agroecossistemas, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Renato D'Agostini.

**Florianópolis
2012**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

D812q Duarte, Aline Sens
 Qualidade de vida [dissertação]:
percepção e satisfação em viver as condições
disponíveis/Aline Sens Duarte; orientador, Luiz
Renato D'Agostini. - Florianópolis, SC, 2012.
74 p.: il., grafs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias. Programa de
Pós-
Graduação em Agroecossistemas.

Inclui referências

1. Agroecossistemas. 2. Indicadores (Biologia). 3.
Subjetividade. 4. Extensão rural. I. D'Agostini, Luiz
Renato.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa
de Pós-
Graduação em Agroecossistemas. III. Título.

CDU 631

TERMO DE APROVAÇÃO

ALINE SENS DUARTE

QUALIDADE DE VIDA: PERCEPÇÃO E SATISFAÇÃO EM VIVER AS CONDIÇÕES DISPONÍVEIS

Dissertação aprovada em 20 de Abril de 2012, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina.

Coordenador do PGA.
Prof. Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho.

Banca Examinadora:

Orientador/Presidente
Prof. Dr. Luiz Renato D'Agostini
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Alfredo Celso Fantini Prof. Dr. Oscar José Rover
Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina

Dr^aCíntia Uller Gómez
EPAGRI

Florianópolis, 20 de abril de 2012.

“Hã mais na existência humana e na própria realidade do que o acesso
que a ciência algum dia poderá oferecer.”

O universo em um átomo.
Dalai Lama

AGRADECIMENTOS

Agradecimento afetuoso àqueles que fazem parte da história da minha vida. Agradeço-os de forma absoluta pelos incentivos distribuídos ao longo da construção e finalização desta etapa. Àqueles que diretamente participaram da construção deste trabalho, meu agradecimento especial, ao professor D'Agostini, pelo respeito e consideração às minhas intenções e por proporcionar sabiamente a reconstrução do “meu novo pensar”. Ao PGA e professores por me apresentarem às barreiras “quase inatingíveis” do conhecimento. E pela oportunidade de me trazerem novos amigos nesta jornada e vida à frente. A Sandra pelas boas e ricas conversas. A CAPES pelo valoroso auxílio em estudar com uma bolsa de estudo.

Aos moradores do município de Chapadão do Lageado por se disporem a discutir suas vidas comigo e me oferecendo elementos para a construção desta pesquisa.

RESUMO

Profissionais voltados a atender as famílias rurais desempenham sua missão com o intuito de satisfazer e assim promover *qualidade de vida* no meio rural. Consoante com o método IQV/IQCV, a *qualidade de vida* é distinguida e tomada como indissociável da qualidade das condições para viver.

Os indicadores IQV/IQCV denotam, respectivamente, o quanto as famílias rurais estão satisfeitas com o seu viver, e o quanto os agentes da extensão rural reconhecem e avaliam os estados das condições vividas.

O objetivo desta dissertação é valorizar a diferença de olhares e percepção em diferentes categorias sociais do município de Chapadão do Lageado/SC, além de indicar meios e condições determinantes para a busca da *qualidade de vida* a partir daqueles que vivem e promovem as condições no contexto estudado. Obtidos a partir do estado dos meios e condições e do sentimento de satisfação reconhecido para os mesmos aspectos, os indicadores parciais (ICA,ISA,ICE,ISE,ICS,ISS) determinam o resultado final do IQCV igual a 0,51 e o IQV igual a 0,46. Denotam que, por razões que somente podem ser constatadas a partir de uma melhor compreensão do papel da percepção, profissionais da extensão rural reconhecem mais adequados os meios e condições, do que as famílias rurais revelam maior satisfação em viver as condições disponíveis.

Palavras chaves: indicadores, subjetividade, extensão rural

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de situações, representado por aspectos variáveis, com características subjetivas, consideradas relevantes a respeito dos meios e condições para se ter *qualidade de vida* (adaptado BUOGO, 2003) _____44

Quadro 2 – Categorias de situações, representado por aspectos variáveis considerados relevantes para a caracterização dos estados dos meios e condições para se ter *qualidade de vida* em determinado espaço (adaptado BUOGO, 2003) _____45

Quadro 3 - Significados atribuídos e coletivamente compartilhados entre os depoimentos das diferentes categorias entrevistadas a respeito dos meios e condições que caracterizam a dimensão ambiental _____58

Quadro 4 - Significados atribuídos e coletivamente compartilhados entre os depoimentos das diferentes categorias entrevistadas a respeito dos meios e condições que caracterizam a dimensão econômica _____60

Quadro 5 - Significados atribuídos e coletivamente compartilhados entre os depoimentos das diferentes categorias entrevistadas a respeito dos meios e condições que caracterizam a dimensão social. _____62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Resultado do trabalho realizado no Chapadão do Lageado/SC, maio de 2011. O *Rich Picture* representa para a pesquisa o fenômeno da percepção sobre o entendimento da *qualidade de vida*. Cada grupo escolheu um título para o desenho_____47

Figura 2 – Resultado da prática *Rich Pictures*. Os meios e condições são revelados através do desenho e escolhidos a partir do que os grupos percebem como essenciais para ser ter *qualidade de vida*. Chapadão do Lageado/SC, maio de 2011_____48

Figura 3 – Meios e condições considerados importantes para a busca por qualidade de vida no município de Chapadão do Lageado/SC. Esses organizados em formas de SERVIÇOS e COMPONENTES DO BEM-ESTAR a serem prestados para o agroecossistema. _____65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dimensão Ambiental: Desvios (δ) em relação ao estado desejável (≤ 1) dos meios e condições essenciais, apresentando a heterogeneidade dos valores atribuídos pelos diferentes indivíduos e categorias entrevistadas.....50

Tabela 2 - Dimensão Econômica: Desvios (δ) em relação ao estado desejável (≤ 1) dos meios e condições essenciais, apresentando a heterogeneidade dos valores atribuídos pelos diferentes indivíduos e categorias entrevistadas..... 51

Tabela 3 - Dimensão Social: Desvios (δ) em relação ao estado desejável (≤ 1) dos meios e condições essenciais, apresentando a heterogeneidade dos valores atribuídos pelos diferentes indivíduos e categorias entrevistadas..... 52

Tabela 4 - Média dos desvios ($\Sigma\delta$) para cada meio e condição essencial, levantados a partir dos entrevistados em diferentes categorias. E o resultado dos indicadores parciais das dimensões ambientais, econômicas e sociais para a definição do IQV e IQCV no município do Chapadão do Lageado/SC 56

LISTA DE SIGLAS

ACAR - Associações de Crédito e Assistência Rural
ACARESC - Associação de crédito e assistência rural de Santa Catarina.
ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural
CEPA - Centro de Sócio Economia e Planejamento Agrícola
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICA – Indicador da Qualidade das Condições Ambientais
ICE - Indicador da Qualidade das Condições Econômicas
ICS - Indicador da Qualidade das Condições Sociais
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IDH-M - Índice de Desenvolvimento Humano - Município
IQV – Indicador da Qualidade de Vida
IQCV – Indicador da Qualidade das Condições para Viver
ISA- Indicador da Satisfação Ambiental
ISE - Indicador da Satisfação Econômica
ISS - Indicador da Satisfação Social
MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
PNATER - Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SC – Santa Catarina
SSM – *Soft Systems Methodology*
WHOQOL – *World Health Organization Quality of Life*

SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO	23
2- INTRODUÇÃO E CONTEXTO DA PESQUISA	25
2.1- A extensão rural e as famílias rurais	25
2.2 - A extensão rural e a pesquisa.....	29
2.3 – Em busca da <i>qualidade de vida</i> : área de estudo	30
2.4 - Pressupostos e Objetivos.....	34
3– REFERENCIAL TEÓRICO	35
3.1 – A ciência do observador.....	35
3.2. O fenômeno da percepção: individual e compartilhada.	36
4 – METODOLOGIA	39
4.1 - Indicador de Qualidade de Vida (IQV) e da Qualidade das Condições para Viver (IQCV): do significado a medida.	39
4.1.1- <i>Desenho rico</i> : uma ferramenta sistêmica.	42
4.1.2 - Entrevistas semi-estruturadas: quantitativo e qualitativo.....	43
5– RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5.1 – Percepção sobre os meios e condições essenciais	46
5.3 - Calculando qualidade de vida e condições para viver.....	49
5.1- Apontando relações entre os meios e as condições essenciais.....	55
5.2 – A importância dos serviços relacionados aos meios e condições disponíveis na busca por <i>qualidade de vida</i>	63
6 – CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
7 – REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	71
8 – ANEXOS.....	78

1 - APRESENTAÇÃO

Esta dissertação busca a compreensão de significados a cerca da *qualidade de vida*, principalmente no que se refere às famílias rurais, pequena parte de um todo a ser entendido. Caminho difícil em face a complexidade referente à possibilidade de promover condições para que as famílias rurais tenham um melhor viver e reconhecer a satisfação das mesmas, que vivem as determinadas condições e imposições do cotidiano da vida rural. A percepção voltada para o entendimento sobre *qualidade de vida* tem sido aquela a propor nesse projeto, informações úteis para prover e reorientar ações de autonomia e desenvolvimento junto às famílias rurais e agentes da extensão rural.

Informações consideradas significativas que contribuem histórica e culturalmente para a revelação de uma identidade familiar rural. Famílias aqui valorizadas, como unidades formadas por cidadãos, situados em áreas rurais, que possuem sonhos, desejos e insatisfações.

Perceber o que de fato sentem as famílias rurais sobre suas condições de vida é assunto prioritário desta dissertação. De qualquer forma, todo e qualquer reconhecimento das diferentes dinâmicas de vida das famílias rurais, somando-as, são elementos para apontar e discutir futuros encaminhamentos a respeito das suas condições de vida. Uma forma de incluir nos processos decisórios, além de alguns interesses, o “sentimento” daqueles que são afetados por tais decisões.

Diante a complexidade e diversidade de contextos vividos pelas famílias rurais é preciso considerar resultados que vão além dos revelados pelos indicadores meramente quantitativos. Comumente indicadores assumem que melhorando o aspecto econômico, o acesso financeiro dos indivíduos, conseqüentemente sua *qualidade de vida* seria melhorada. Do mesmo modo, incluem dimensões como a educação através do acesso escolar, ou dimensões da saúde como a longevidade. Mas não questionam a qualidade da educação nas escolas, se as pessoas estão satisfeitas com o ensino, assim como se as pessoas se tornam longevas de forma saudável.

A inclusão de análises a partir de abordagens qualitativas é atual e compõem os discursos de diversas convenções nacionais e internacionais quando se discute *qualidade de vida*.

Portanto buscou-se, para esta dissertação um indicador de *qualidade de vida* que valorizasse a subjetividade individual e coletivamente compartilhada, através da percepção e sentimento de satisfação entre diferentes categorias sociais envolvidas, além de valorizar os meios e condições que compõem o contexto local.

O reconhecimento de tanta diversidade no meio rural e das diferentes formas de “levar a vida”, e projetos voltados para o desenvolvimento destas áreas; consegue reconhecer quais são os desejos e insatisfações dos cidadãos que lá vivem? Há alguma preocupação com o sentimento das pessoas, e se as mesmas estão felizes e satisfeitas com o seu viver?

O sentimento e a percepção dos indivíduos contempladas nesta proposta de trabalho são pré-condições para reconhecer partes da dinâmica de vida dessas famílias em áreas rurais. Este trabalho propõe reflexões para melhor entender como se estabelece as relações entre as famílias rurais e as ações dos agentes da extensão rural, que por sua vez, se dispõem a contribuir ou transformar diariamente o modo de vida dessas famílias.

Esta dissertação está dividida em cinco momentos:

No primeiro momento, a introdução, refere-se à contextualização da pesquisa com contribuições de estudos sobre a extensão rural e as famílias rurais, além da caracterização do município estudado. Nesse momento são apresentados os pressupostos da pesquisa e os objetivos a serem buscados acerca do entendimento de *qualidade de vida*.

No segundo momento, apresenta-se as orientações teóricas consideradas importantes para o estudo: a ciência do observador, e o fenômeno da percepção individual e compartilhada.

No terceiro momento, refere-se à metodologia de estudo, em consonância com o indicador de *qualidade de vida* (IQV/IQCV) a partir do seu significado à medida. No quarto momento, refere-se aos resultados e discussão, o apontamento da percepção dos extensionistas e famílias rurais sobre os meios e condições que supostamente caracterizam *qualidade de vida*.

No quinto momento, encerra-se o trabalho com as conclusões e considerações finais.

2- INTRODUÇÃO E CONTEXTO DA PESQUISA

“Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia.” (Morin, 2011. pag34)

2.1- A extensão rural e as famílias rurais

A extensão rural só faz sentido para aqueles que conseguem perceber as áreas rurais como lugares promissores de pertencimento e cabíveis de grandes transformações sociais.

A institucionalização de um serviço de assistência técnica de extensão rural no Brasil aconteceu ao longo das décadas de 40 a 70, com a criação das associações de crédito e assistência rural (ACAR).

A primeira Acar foi criada em Minas Gerais em 1948. As Acar eram entidades civis, sem fins lucrativos, que prestavam serviços de extensão rural e elaboração de projetos técnicos para obtenção de crédito junto aos agentes financeiros (PEIXOTO, 2008).

Em Santa Catarina este período iniciou-se em 1956, com os trabalhos da antiga ACARESC (Associação de crédito e assistência rural de Santa Catarina). A trajetória da ACARESC teve várias fases, a fase de ascensão que foi até o final dos anos 70. Iniciou-se pelo incentivo ao uso do crédito e de um conjunto de métodos considerados como “próprios” da ação extensionista, por levar até o meio rural o conjunto das políticas governamentais de cunho modernizante. Em especial, em Santa Catarina ocorreu uma estratégia articulada entre o Estado e o setor agroindustrial, expandindo o sistema de integração assentado na produção familiar (GREGOLIN, 1999).

Cabe lembrar que esta fase foi marcada profundamente por transferências tecnológicas e financeiras - o modelo de difusionismo (BORDENAVE, 1985). Este modelo preconiza que o desenvolvimento das áreas rurais acontece quando se introduz novas idéias entre os agricultores, em especial as de maior eficiência produtiva, de maneira tal que as inovações sejam difundidas e os agricultores efetivamente as

adotem (LIMA & FIGUEIREDO, 2006; CAPORAL, 2006; MUSSOI, 2008).

Portanto, o agricultor era apenas um receptor de informações, instado colocar em prática um novo modelo agrícola. Os produtos originados eram tomados como os atores de valorização deste processo. A família rural era quase sempre unidade secundária desta relação.

Essa postura adotada pela extensão é constatada a longos tempos. Segundo Abramovay (1992) em sua obra de extrema relevância sobre o reconhecimento e valorização da agricultura familiar no Brasil, assim como da realização e resgate das teorias Chayanovianas, explica que as relações impostas pelo capitalismo aos camponeses russos já retratava que os desafios colocados aos extensionistas daquela época são de natureza eminentemente prática. Trata-se para eles de tentar melhorar o desempenho econômico dos camponeses.

“[...] sua atividade cotidiana não consistia em organizar politicamente os camponeses ou fazer junto a esses a propaganda de um novo regime que viesse melhorar suas vidas e sim aspectos econômicos e técnicos.” (ABRAMOVAY, 1992. p.67)

A extensão rural historicamente se molda a partir de novos entendimentos e de responsabilidade das suas ações. Por isso esses espaços de relações entre a extensão rural e as famílias rurais tornam-se cada vez mais valorizados e em expansão. Atualmente admitem inúmeras interfaces, que trabalham de acordo com o espaço, com o tempo e com as particularidades culturais de cada momento histórico.

Compreender as inúmeras interfaces históricas da extensão rural é também admitir que não ocorreu erro ou acerto. Afinal a sociedade mundial intensifica-se com a extensão do modelo difusionista e apresenta redefinições e condições no que diz respeito em viver a vida com qualidade em áreas rurais.

Ilustrando esta perspectiva, um estudo de importância que caracteriza essas novas formações de reprodução social, aqui entendida como novas condições de viver a vida, a partir de um contexto de integração de uma economia de mercado e de uma sociedade de consumo. O autor Lamarche (1998) apresenta e procura esclarecer, através de modelos agrícolas estudados em diferentes países, o

funcionamento das unidades de produção que vivem um ajustamento e intercâmbio entre a tradição de sobrevivência do modelo campesino e da modernidade trazida pelo modelo agrícola empresarial difundido e adotado.

O autor inclui em seus estudos critérios diversificados que vão além da produção agrícola, considera a relação familiar com a terra, a importância do trabalho familiar em relação ao trabalho assalariado, a estrutura familiar, a intensificação do sistema de produção, a dependência alimentar entre outros aspectos, os quais contribuem para redefinir as diferentes estratégias de reprodução de vida que as diferentes famílias rurais em partes do mundo passam a viver (LAMARCHE, 1998).

Outro estudo que aponta para novas redefinições e considerações a respeito do universo das famílias rurais é do autor Strapassolas (2006). Em seus estudos, frente à complexidade de situações que envolvem as famílias rurais, enfatiza a necessidade de gerar um debate conceitual em torno de uma redefinição das formas sociais de produção agrícola, propondo novos significados através principalmente do viés de gênero e geração.

Contudo, estes estudos destacam-se por ultrapassar o discurso meramente econômico de produção agrícola que limita revelar uma face da realidade das famílias rurais. Elas passam a ser reconhecidas como unidades socialmente construídas com características culturais próprias e históricas de formação.

Cabe também lembrar, que o mérito do real reconhecimento das diferentes formas de viver a vida no meio rural em território nacional não se deu unicamente pelas pesquisas acadêmicas, mas através de iniciativas e mobilizações realizadas, principalmente na década de 80/90.

Movimentos sociais, lideranças sindicais rurais e sociedade civil, buscam o reconhecimento cultural, étnico e histórico, de que muitas famílias rurais possuem características próprias diferentemente dos grandes latifundiários, e de que essas possuem condições especiais para a realização de novas políticas e autonomia (PEIXOTO, 2008; STRAPASSOLAS, 2006b).

“Novas culturas e identidades surgem e novas categorias analíticas precisam ser incorporadas à descrição do estado catarinense: heterogeneidade

de língua, de cultura, de etnia e de formas de assalariamento.” (AUED & FIOD, 2004)

Todo este movimento contextualiza novos meios e condições nas quais as famílias rurais dispõem para viver. Estas diversas condições reveladas contribuem para que as famílias sejam realmente reconhecidas, evidenciando mais elementos para a discussão sobre a *qualidade de vida*.

O discurso sobre a *qualidade de vida* associado com novos elementos qualitativos ultrapassa a barreira econômica; aprofunda a compreensão das relações entre as famílias e o ambiente rural; denota novos potenciais, propõe adequação e surgimento de novas políticas públicas e integra a discussão nas diversas dimensões que compõem as relações sociais.

Uma mudança atual e significativa no quadro da política de assistência técnica e extensão rural (ATER) do governo se deu com o Decreto nº 4739 de junho de 2003, que efetuou a transferência de competências do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Ainda ao longo do ano de 2003, o MDA construiu a nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e incorporou a visão inovadora de que os serviços de ATER devem ser caracterizados por uma pluralidade de formas institucionais, de reconhecimento cultural, além de estabelecer novas práticas metodológicas na construção dos processos de desenvolvimento a campo. (PINHEIRO, 2000; TAVARES & RAMOS, 2006; CAPORAL, 2006)

Nas atuais discussões acadêmicas e em outros espaços institucionais, a extensão rural atualmente reinventa o discurso realizado a partir de 1970, tendo como referência principalmente as obras de Paulo Freire (1996, 2006, 2011), incluindo novos espaços pedagógicos entre o educador e o educando, o agricultor e o extensionista, abrindo espaços de autonomia, diálogo e reconhecimento cultural diante das famílias rurais.

Esses profissionais empenham-se na transformação constante da realidade (FREIRE, 2006).

Paralelo a esse movimento inovador, já é possível encontrar serviços de extensão rural que se preocupam e procuram estabelecer novas relações de compromisso com a sociedade rural, atuando de forma interdisciplinar, educativa, considerando as diversidades sociais e econômicas que constroem os territórios, propondo práticas de produção agrícola com princípios ecológicos e desenvolvimento sob a articulação de inúmeras dimensões que orientam a sociedade.

2.2 - A extensão rural e a pesquisa

É a partir de sua vivência com o processo da extensão rural que a autora desta dissertação revela uma realidade apresentada.

Foi realizando e vivendo o processo no seu sentido mais amplo com características educativas e contempladas com teorias participativas, consciente da crítica de que a extensão deve ser um processo comunicativo dialógico, de troca de saberes e de uma relação de igualdade entre o agente da extensão e as famílias rurais, que nasce o entusiasmo por esta pesquisa.

Mesmo nas ações da extensão amparada por novas abordagens e metodologias, fica a impressão de que, profissionais da extensão rural continuam uniformes nos resultados, devagar ou impondo situações, não reconhecendo o estado real do outro, estabelecendo relações de troca, trabalhando de forma segmentada e sem o exercício de um pensamento crítico.

Os agentes da extensão rural, assim como as famílias agricultoras são categorias profissionais, sociais e orientadoras de condutas, fortes e autênticos atores, que possuem influências de decisão sobre as comunidades rurais e o poder público tornando-se agentes de mudança.

Perceber o sentimento e incluir a subjetividade das diferentes categorias no processo de desenvolvimento de ações nos trabalhos de extensão rural é o que se pretende agora considerar.

As perguntas que levam à busca por respostas são as mais variáveis possíveis:

- Por que a extensão rural possui dificuldade em avançar naquilo que os profissionais percebem como ideal para o público?

- Por que praticamente todas as famílias visitadas, nas conversas informais, revelam seus sentimentos de lamentações, frustrações e insatisfações?
- Por que alguns profissionais da extensão assistem a todas as famílias de forma igual?

Dissertar sobre *qualidade de vida* no meio rural é construir a ideia, de que todos os envolvidos percebam e sintam o quão importante é o viver do seu dia a dia.

2.3 – Em busca da *qualidade de vida*: área de estudo

O trabalho de campo para esta pesquisa foi realizado no município de Chapadão do Lageado/SC. Escolhido devido à oportunidade da autora ter exercido no município a extensão rural por um período de dois anos. O envolvimento com a comunidade, desencadeou a vontade de entender melhor como se dão as escolhas das famílias rurais, e as escolhas de projetos viabilizados pelos extensionistas rurais.

Chapadão do Lageado pertence a Mesorregião do Alto Vale do Itajaí/SC, integrado as margens do Rio Itajaí do Sul, situado a 167 quilômetros da capital Florianópolis. Faz fronteira com os municípios de Alfredo Wagner, Bom Retiro e Otácilio Costa (Planalto Serrano), Petrolândia e Ituporanga.

Segundo histórico divulgado pelo IBGE e prefeitura, por volta de 1922, pioneiros de diversas regiões do Estado de Santa Catarina, principalmente dos municípios de Tubarão, Braço do Norte, Angelina, São José, Bom Retiro e Urubici, subiram de cargueiro a serra do Rio Lageado, colonizando a região e iniciando os trabalhos com a agricultura, principalmente o cultivo da mandioca e do milho. A maioria das famílias é de origem germânica. Denominou-se o nome do lugar de Chapadão do Lageado. Lageado por haver muitas lajes no rio e Chapadão por estar situado na parte alta do Rio Lageado. (IBGE, 2010)

Apesar da descrição étnica e cultural acima apresentar como principal descendência a de origem germânica, constata-se também que o município de Chapadão possui uma considerável influência e presença

de uma população de origem “cabocla”¹ originária dos municípios serranos (Bom Retiro e Urubici), principalmente as famílias situadas nas comunidades fronteiras com estes municípios.

Os indivíduos deste próspero município também possuem uma trajetória de vida influenciada pela história do Contestado, com características étnicas singulares, enriquecendo este território culturalmente.

É um município jovem. Foi desmembrado do município de Ituporanga e fundado no ano de 1995. Segundo o último censo, o município possui uma população de 2.762 habitantes. (IBGE, 2010)

Atualmente a economia do Chapadão do Lageado mantém-se a partir da produção agrícola, principalmente pela monocultura do fumo, milho e cebola. Para ilustrar, no ano de 2006, 13% do território geográfico do Chapadão do Lageado correspondia a lavouras de fumo, 6,5% com lavouras de milho e 3% com lavouras de cebola (IBGE, 2007).

A região Sul do Brasil é a maior produtora de fumo, tendo como principal característica a qualidade. Produz fumos claros destinados, exclusivamente à fabricação de cigarros, o que faz com que o produto tenha boa aceitação no mercado internacional (CARVALHO, 2006).

Chapadão incluso à Microregião de Ituporanga, que carrega o status de capital da cebola, ocupando o primeiro lugar no estado. Em 2010 a produção desta região, girou em torno de 310 mil toneladas de cebola no Estado. Ituporanga, Aurora e Chapadão do Lageado juntos correspondem a aproximadamente 45% de toda a produção de cebola em Santa Catarina (CEPA, 2010).

Cabe lembrar que a produção, seja do fumo ou da cebola, possui uma relação direta e de dependência dos agricultores com as empresas fumageiras ou com a necessidade de acessar o crédito agrícola, recurso subsidiado pelo Governo Federal, além da grave exposição excessiva e quase sempre sem proteção aos agrotóxicos e fertilizantes, manejo requerido a estas culturas. Apesar de o cultivo agrícola ser a principal fonte de renda de boa parte das famílias rurais do município de Chapadão do Lageado, algumas outras famílias rurais buscam trabalho a

¹Ayres (1992) *apud* Cazella (2004) Esse termo apresenta duas origens etimológicas possíveis, ambas derivadas do tupi: a primeira *caa-boc*, significando “aquele que vem da floresta”, e a segunda *Kari'boca*, que significa “filho do homem branco”.

partir da venda de sua mão de obra, em outras propriedades agrícolas e nas comunidades vizinhas. Principalmente para atender ao manejo das lavouras de fumo, cebola e reflorestamento. Contata-se a presença de trabalhadores rurais, com ou sem carteira assinada, que caracterizam economicamente algumas famílias rurais como pluriativa sazonal ou informal de remuneração temporária. Essa tipologia possui como característica a informalidade e a precariedade do trabalho. São serviços realizados esporadicamente em função da sazonalidade da produção agrícola ou como forma de remuneração temporária (SCHNEIDER, 2006). Esta é uma característica de quem não vive economicamente apenas das atividades agrícolas da própria terra.

Segundo Schneider (2006) a pluriatividade pode oferecer novas iniciativas às famílias rurais de diversificação das suas ocupações interna e externamente à unidade de produção, assim como aumentar as fontes e as formas de acesso a rendas. Contribuindo para melhor contextualizar o município, o indicador oficial IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano do Município) possui o valor de 0.774, número considerado de médio desenvolvimento humano² (PNUD, 2000).

Para comparação, em 2001 o Brasil deteve o IDH de 0.750, ocupando a 69º posição. Já em 2010 este indicador decaiu para 0.699, ocupando 73º. Apesar da decaída do índice, atualmente o Brasil é visto como um país emergente rumo ao desenvolvimento, dotado de um considerável aumento da produção “agrobusiness”, da produtividade das empresas e do comércio internacional.

Atentemos: Apesar de oficialmente a taxa de desemprego diminuir, a diminuição da disparidade entre classes sociais, o aumento de consumo material entre as famílias, faz surgir mais uma pergunta:

Será que as pessoas estão mais satisfeitas com o seu viver, satisfeitas com o desenvolvimento humano? Ou estão mais endividadas, mais competitivas, mais doentes e isoladas?

² O IDH possui uma variação de 0 até 1. Considerado BAIXO entre 0 e 0,499; MÉDIO de 0,500 a 0,799; ELEVADO quando maior ou igual a 0,800 (www.pnud.org.br).

Os indicadores quantitativos estabelecem diferentes relações ao serem analisados em conjunto ou individualmente, e acabam por sugerir novas interpretações.

Ainda para os lageadenses, apesar do número populacional relativamente baixo e diante das condições limitantes que circundam, a média de desenvolvimento humano do município se dá maior que a do próprio país. Uma disparidade que se dá pela precariedade vivida por muitas famílias em outros estados brasileiros, principalmente se compararmos os índices entre o Sul e Sudeste com o Norte e o Nordeste. Paradoxalmente, ao mesmo tempo partes das estradas do município de Chapadão do Lageado encontram-se precárias, dificultando uma possível rota de comercialização. A economia principal é de base primária, não há universidade, não há hospital, não há cinema, muito menos teatro, não há ciclovias, os horários de ônibus são precários e não atendem a todas as comunidades.

Como revela um dos autores do indicador de desenvolvimento humano:

“o IDH pretende ser uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano. Não abrange todos os aspectos de desenvolvimento e não é uma representação da “felicidade” das pessoas, nem indica “o melhor lugar no mundo para se viver”. (PNUD, 2000)

O IDH é calculado basicamente a partir de três variáveis: expectativa de vida (natalidade/mortalidade) **IDH-Longevidade**; educação (escolaridade/analfabetismo) **IDH-Educação**; e renda per capita da população (renda da família/renda individual) **IDH-Renda**. Esse indicador de *qualidade de vida* é utilizado como ferramenta conceitual para organizações de diversas esferas, como a ONU (Organizações das Nações Unidas), o Governo Federal, o Estado e regiões. Contudo é preciso estar atento aos indicadores como apenas suposições complementares de uma realidade. Definir estratégias de desenvolvimento unicamente por seus resultados quantitativos pode ser um risco a ser corrido quando se infere sobre determinadas realidades, principalmente quando se busca melhorar a “*qualidade de vida*” dos seus habitantes.

2.4 - Pressupostos e Objetivos

Para este estudo, pressupõe-se que há uma forte diversidade e complexidade de contextos vividos pelas famílias rurais e uma excessiva uniformização na orientação da intervenção do agente da extensão rural. Existe uma provável e detectável divergência de percepção no que diz respeito às condições essenciais ou necessárias para que as famílias rurais tenham *qualidade de vida*.

Os objetivos do estudo são:

(1) Detectar e caracterizar diferenças entre a percepção dos agentes extensionistas quanto aos meios e condições que promovem melhoria no viver, e a percepção das famílias agricultoras, manifestada através do sentimento de satisfação em viver as condições disponíveis;

(2) Denotar meios e condições determinantes na busca da *qualidade de vida* em determinado contexto, a partir do olhar daqueles cuja missão é promover melhoria de condições para viver e a partir do olhar daqueles que vivem as condições promovidas ou já pré-existentes.

3- REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 – A ciência do observador

A visão reducionista inspirada nas premissas cartesianas parece não contemplar explicações suficientemente abrangentes sobre realidades complexas, em especial aquelas que envolvem relações entre as pessoas. Na tentativa de entender a realidade e ao fragmentar suas relações, acabamos desconsiderando princípios autênticos da sua real situação. É preciso referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro de uma concepção global. (MORIN, 2011)

Contudo para entender partes de como se dão as relações humanas, inicia-se a orientação teórica deste trabalho a partir das colocações de Maturana (2009).

Esse autor apresenta distintos caminhos explicativos para compreender a realidade que circunda o entendimento sobre as relações sociais, o caminho explicativo da *objetividade-entre-parênteses* e o caminho da *objetividade-sem-parênteses*.

Para a *objetividade-entre-parênteses* não há uma única verdade absoluta, mas muitas verdades diferentes, todas legítimas em sua origem, ainda que não sejam iguais em seu conteúdo ou que não sejam igualmente desejáveis para serem vividas.

Para o *objetividade-sem-parênteses* a realidade parte de uma referência que independe do observador e é distinguível. Em meio às possíveis diferenças, as dinâmicas sociais aqui entendidas são projeções reais de diferentes “visões de mundo” sobre um determinado ponto, minimizando a negação da consciência do outro.

Entende-se que *qualidade de vida* deve ser um conceito compartilhado, pois as condições a serem vividas, seja através das diversas dimensões (ambientais, econômicas, sociais entre outras) muitas vezes trabalhadas pelos profissionais, deverá estar atreladas a um sentimento de satisfação ou insatisfação coletiva em viver aquela determinada condição. Supondo este significado, no caminho explicativo da *objetividade-entre-parênteses* existem muitos domínios de realidades diferentes e igualmente legítimas, constituído como um

domínio de coerências operacionais na experiência do observador (MATURANA, 2009).

Portanto é necessário considerar que a realidade tem em seu resultado, o reflexo das diferentes “visões de mundo” dos envolvidos. E ao mesmo tempo, todos os envolvidos serão valorizados como “observadores” da pesquisa.

“Quando se adota o caminho explicativo da objetividade-com parênteses, a existência da realidade depende do observador, que não pode lançar mão de objetos cuja existência lhes é independentes para elaborar as explicações que faz dos fenômenos que observa.”
(SCHLINDWEIN, 2004. p,123)

Será através das oportunidades e das experiências vividas de todos os envolvidos nesta pesquisa, seja individual ou coletivamente, que inicia-se o (re) pensar a partir de um determinado pressuposto, tornando possível escolher mais um caminho para as relações que envolvem o pesquisador, a pesquisa, as famílias rurais e os profissionais que exercem a extensão rural. Para compreender como este público diverso pode contribuir para um melhor viver nas áreas rurais. Diante desta perspectiva, dificilmente construirei este trabalho sozinha e independente do meu olhar, da minha percepção sobre aquilo que quero melhor entender. Uma cientista/profissional nas palavras de Esteves de Vasconcelos (2003).

3.2. O fenômeno da percepção: individual e compartilhada.

Está claro que como eu percebo o que pode ser percebido, não necessariamente é, como o outro percebe. As teorias que orientam como se pode ou se deve tratar o fenômeno da percepção são as mais diversas possíveis.

A obra clássica em filosofia de Merleau-Ponty – em a *Fenomenologia da percepção* (1999) busca esclarecer e trata o fenômeno da percepção.

Inicialmente a fenomenologia da percepção é apresentada pelo autor como uma ciência apoiada em inúmeras verdades e não somente sobre uma verdade única. A fenomenologia da percepção não é aquilo que se vê unicamente como um fato, mas sim reconhecer as inúmeras relações (fenômenos) que precedem ou sucedem este fato.

A percepção não é assumida como a soma de sensações isoladas proposta unicamente pelo pensamento objetivo e fundada em resultados empíricos, cuja descrição da percepção ocorre a partir da causalidade linear estímulo-resposta, resumidamente desperta aos sentidos. Uma explicação pautada na lei de causas e efeito, em que para cada tipo de estímulo do meio tem-se um tipo de reação a ser reconhecida (MARTINI, 2006).

O autor Merleau-Ponty (1999) apresenta uma ruptura relacionada às noções clássicas de sensação e órgãos dos sentidos como receptores passivos. Os sentidos não são considerados como janelas do conhecimento. Para o autor, embora o estímulo impressione os sentidos, oferecendo informações ao organismo, este assume configurações variadas para cada acontecimento.

A percepção não apenas decodifica estímulo linearmente, mas reflete a estrutura do nosso corpo e de nossa mente - o organismo complexo e dinâmico - frente ao entorno, orientando condutas, contextos sociais, culturais e afetivos múltiplos (NÓBREGA, 2008).

Visando contribuir com o assunto, MARTINI (2006), por sua vez, revela através da teoria de Merleau-Ponty que o mesmo considera outras relações associados ao corpo, como a imaginação e a recordação de um objeto visto em outras ocasiões, apontando para uma complexidade de relações do sistema sensorial. Já MATURANA (2009) afirma que a percepção é sempre feita *a posteriori* através da referência a outra experiência.

É necessário evidenciar neste momento que a percepção, esta condição subjetiva do ser humano, é um estado biológico constantemente reconstituído e não uma entidade imaterial. Não se trata de compreender a mente isolada do organismo, mas compreender que a mente emerge do organismo, das interações cérebro-corpo (DAMÁSIO, 1996 *apud* NÓBREGA, 2008).

Em decorrência, entende-se que o fenômeno da percepção está voltado para a estrutura biológica corpo, que se relaciona com si próprio e com o mundo, refletindo inúmeras realidades juntamente com uma história. Cada indivíduo deve ser percebido através das suas

experiências, como um mundo que possui a sua própria percepção do mundo. Contudo, há uma necessidade de ultrapassar a barreira da idiosincrasia³. A objetividade e a subjetividade estão inseridas na percepção de cada um e ao mesmo tempo pode ser resgatada na percepção coletiva e compartilhada.

Para esclarecer o assunto, OLIVEIRA (2004) revela através do estudo à obra de Moscovici (2003), de que há pouca diferença substantiva entre os termos “coletivos” e “sociais”. Ambos revelam a dimensão plural das associações humanas e a presença das ideias gerais (ou “forças coletivas”) no seio da sociedade.

Cada pessoa ou categoria social é capaz de perceber a questão com uma determinada particularidade. Alguns com ideias específicas, outros capazes de perceber que suas visões de mundo se alteram de acordo com novas relações compartilhadas ou momento.

Procurando agir de acordo com uma abordagem sistêmica, o significado de “visões de mundo” surge como dispositivo intelectual utilizado como fonte de perguntas a serem feitas sobre uma realidade. Por meio de uma discussão, em busca de uma acomodação, uma versão da situação com a qual diferentes pessoas com diferentes visões de mundo e interesses possam viver (COTA JÚNIOR et all 2003). Neste sentido, o convívio, a percepção compartilhada passa a ser entendida como uma representação social, termo utilizado pelos estudos da sociologia.

Para orientar a partir da vertente sociológica, Denise Jodelet (2002) apresenta uma das definições consensuais:

“As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2002 apud ARRUDA, 2002).

Ainda sobre a obra de Moscovici (2003) o autor procura enfatizar que as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou

³ Disposição do temperamento do indivíduo, que o faz reagir de maneira muito pessoal à ação dos agentes externos. Maneira de ver, sentir, reagir, própria de cada pessoa.

“imagens de”, mas teorias coletivas capazes de revelar uma realidade (ALVEZ-MAZZOTTI, 1994).

A partir dessas especificações, entende-se que a realidade será sempre construída a partir das representações sociais. Ou seja, a realidade é reflexo das ações e relações que envolvem coletivamente o interesse dos diferentes indivíduos, viabilizando meios e condições para “viver a vida”.

BONATTI (2007) esclarece que para caracterizar e valorizar as representações sociais deve-se fazer menção às condições e aos contextos em que as mesmas surgem. É preciso que os diferentes indivíduos assumam o papel de observadores, tornando-se representações sociais de sua própria realidade.

4 – METODOLOGIA

4.1 - Indicador de Qualidade de Vida (IQV) e da Qualidade das Condições para Viver (IQCv): do significado a medida.

Todo método de avaliação é escolhido a atender os objetivos propostos. E a campo, o que todos os profissionais desejam profissionalmente é, desempenhar sua missão de maneira a satisfazer o maior número possível de famílias rurais.

Quase sempre o objetivo final dos programas de desenvolvimento no espaço rural é melhorar a *qualidade de vida* dos membros da comunidade. Em geral, os objetivos das ações do profissional são sempre muito específicos e estão a serviço de um objetivo maior (D'AGOSTINI & FANTINI, 2008).

O indicador IQV/IQCv considera em suas dimensões de análise uma realidade além dos aspectos econômicos. Valoriza a subjetividade individual e coletivamente compartilhada, através da percepção e sentimento de satisfação entre as diferentes categorias sociais envolvidas, além de valorizar as especificidades que compõem o contexto local.

O método de aplicação do IQV/IQCv revela coletivamente através das diferentes categorias quais os meios e condições desejáveis

para que os indivíduos, do contexto estudado tenham uma maior satisfação em viver.

Nesse caso, o IQCV aponta a percepção voltada para os profissionais que exercem a extensão rural a respeito dos estados e necessidades dos meios e condições desejáveis para se ter *qualidade de vida*. E o IQV declara, a intensidade ou nível de satisfação das famílias rurais em relação as condições e meios atuais ou desejáveis que determinam o seu viver.

Para os autores do método D'AGOSTINI & FANTINI (2008) não se pode assegurar sempre um viver melhor para todos os indivíduos, mas pode-se implementar ações adequadas para melhorar as condições para viver, e assim aumentar as possibilidades desses indivíduos se revelarem com melhor *qualidade de vida*.

O IQV/IQCV são obtidos a partir de “leituras”, por parte das diferentes categorias interessadas e prevê o levantamento dos meios e condições essenciais, também por aqueles que os vivem, e não somente por aqueles que possuem uma missão profissional.

É a partir dessa diferença e indissociabilidade entre o objetivo maior (a satisfação em viver os meios e condições) e o objetivo específico de ações (a promoção dos meios e condições) que se volta o método indicador IQV/IQCV.

Entende-se por meios os recursos disponíveis no meio, em algum lugar. Condições, seriam as circunstâncias vividas pela ausência ou presença dos meios. Um exemplo: o metrô é considerado um meio de transporte, o trânsito é uma condição que pode estar associada à falta de um transporte.

Considera-se no método além da objetividade quantitativa a subjetividade, através do sentimento de satisfação ou insatisfação das famílias rurais que vivem os meios e condições existentes, juntamente com a situação ou disposição (o estado) dos meios e condições disponíveis para viver, esses revelados pela interpretação de profissionais que atuam junto à comunidade.

Contudo, a subjetividade revelada através da percepção compartilhada dos envolvidos passa para uma condição possível de ser avaliada e medida. Apontando as diferentes “visões de mundo”.

Comumente os profissionais da extensão se ausentam diante de novas propostas, por perceber que a subjetividade é unicamente uma condição pessoal ou particular, e que esta subjetividade não seria possível de ser compartilhada no coletivo. Considera-se que a realidade

é resultado compartilhado entre os interesses subjetivos e objetivos de cada indivíduo.

Para desenvolver a pesquisa, valorizou-se a presença de diversos profissionais, como agrônomo, técnico agrícola, psicóloga, assistente social, enfermeira, nutricionista, agricultores, comerciantes, líderes comunitários e jovens, os quais participam do entendimento e definição das dimensões que caracterizam *qualidade de vida* para as famílias rurais do município de Chapadão do Lageado/SC. O maior esforço está em não anular o conhecimento gerado entre as diferentes categorias sociais é preciso fazer uso de avaliações integradas. De acordo com o entendimento de D'Agostini & Cunha (2007) as diferentes ciências isoladamente, analogamente às categorias sociais, revelam-se insuficientes para tratar de questões de natureza humana, especialmente no que diz respeito ao nosso desempenho ambiental no fazer. Porém revela uma importante possibilidade:

[...] de que as ciências ditas humanas façam uso de ciências exatas para derivar medidas precisas para significados indeterminados; e de que ciências ditas exatas reconheçam imprecisos significados como possíveis objetos de seus estudos (D'AGOSTINI & CUNHA, 2007. pag.24).

O método indicador IQV/ IQCV possibilita uma combinação desejável entre os resultados de uma abordagem quantitativa (*exatas*) e qualitativa (*humanas*).

Muitas pesquisas utilizam de forma isolada ou relacionada indicadores quantitativos, capazes de revelar mutuamente um estado da *qualidade de vida*. Essas pesquisas de maneira apurada e metódica resultam apenas em parte, uma representação numérica ou unicamente descritiva do que supostamente caracterizaria *qualidade de vida* em um universo comum.

Abrangente, o método IQV/IQCV considera a importância das particularidades de cada contexto. Os meios e condições essenciais revelados através da utilização do método tornam-se atributos construtivos para exemplificar o que de fato é importante para se ter *qualidade de vida* em determinado espaço.

4.1.1- *Desenho rico*: uma ferramenta sistêmica.

Para iniciar os trabalhos de campo e contextualizar os envolvidos sob a complexidade que remete o conceito de *qualidade de vida*, experimentou-se a aplicação de uma ferramenta sistêmica denominada *Rich Picture* - o desenho rico. Este pertencente ao segundo estágio do conjunto de ações integrantes da Soft Systems Methodology - SSM (CHECKLAND, 1999).

Considerada uma metodologia sistêmica, a SSM permite adaptações em seus sete estágios, permitindo a inclusão de novos estágios ou até mesmo utilizando somente parte deles (NUNES, 2008). O uso desta ferramenta contribui para legitimar a aplicação do método IQV e IQCV, principalmente no que se refere à busca da percepção dos envolvidos. O desenho rico apresenta em primeiro plano, através da representação por desenhos, a complexidade percebida pelos participantes da situação a ser estudada. O procedimento possibilita melhor aclarar o pensar dos participantes, ampliando suas dimensões de criticidade⁴, inquietação, novos olhares e transformação no modo de agir. O desenho rico parte do princípio de que todos os envolvidos independentemente das suas condições profissionais são responsáveis em maior ou menor intensidade pelas relações que caracterizam uma situação ou estado. Essa prática, com o olhar subjetivo, valoriza as relações humanas, os aspectos culturais e as vivências adquiridas ao longo da vida dos participantes.

Essa abordagem não propõe respostas ou ações definitivas que possam vir a resolver a situação problema, mas esclarece os processos que a formulam, aumentando sua capacidade interpretativa, construindo soluções, acomodando os conflitos e valorizando igualmente todas as formas de conhecimento. O que faz com que a situação a ser entendida, *qualidade de vida*, não tenha uma única verdade e tão pouco uma única solução.

Ainda sobre a SSM, CHECKLAND (2000) *apud* JUNIOR et all (2007), afirma ser uma metodologia virtualmente inseparável do

⁴. FREIRE, Paulo, 1996. Pedagogia da autonomia. [...] através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, vá se tornando crítica. [...] É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. pag. 43.

modo de pesquisa-ação (uma abordagem participativa), como uma forma de conduzir investigações em assuntos que envolvam o ser humano.

Em decorrência, uma das riquezas desta fase é caracterizada pela heterogeneidade de gêneros e funções profissionais do público envolvido. Líderes políticos, enfermeira, assistente social, nutricionista, estudante, agricultores e agricultoras, comerciante, jovens agricultores, agrônomo, técnico agrícola, totalizando 15 participantes, de diferentes identidades, compartilharam formando três grupos heterogêneos, suas visões de mundo a respeito dos seus entendimentos sobre o significado de *qualidade de vida*, revelando suas percepções e transformando suas posições profissionais.

4.1.2 - Entrevistas semi-estruturadas: quantitativo e qualitativo

As entrevistas semi-estruturadas, procedimento necessário à aplicação do método IQV/IQCV são caracterizadas por apresentarem uma combinação entre um método qualitativo e quantitativo.

Segundo MINAYO & SANCHES (1993) o método quantitativo atua em níveis de realidade onde os dados se apresentam aos sentidos e revela tendências observáveis, classificando-os e tornando-os inteligíveis através de variáveis. Juntamente o método qualitativo trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Procura aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos dos grupos.

Entende-se que uma abordagem não é mais científica do que a outra, mas se complementam principalmente em trabalhos que envolvem as relações sociais.

Portanto, cabe considerar os resultados de ambos os métodos, afastando os depoimentos da imprecisão subjetiva ou de um parecer unicamente objetivo, validando mutuamente os resultados. (UWE, 2005)

Durante a entrevista semi-estruturada o pesquisador orienta os entrevistados para que eles abordem tais questões de forma aberta. Novos assuntos (inesperados) podem surgir, passando a ser explorados durante a entrevista.

Em decorrência, cabe lembrar que o método IQV/IQCV é trabalhado sob duas perspectivas. Pois há um grupo capaz de contribuir

profissionalmente para um estado de melhoria sobre as condições já existentes ou a serem adotadas, e há outro grupo que vivencia as condições e adquirem um sentimento de satisfação ou insatisfação sobre a condição vivida.

A elaboração do roteiro da entrevista semi-estruturada parte do resultado da primeira etapa, o desenho rico.

Os meios e condições essenciais discutidos e escolhidos pelos grupos serão os temas para cada pergunta realizada na entrevista. Em anexo (1) está descrito o roteiro das entrevistas, assim como possíveis pontos a serem abordados durante a conversa, exemplificando as dimensões e relações que caracterizam os temas discutidos coletivamente na prática do desenho rico.

Neste momento da pesquisa, somente os representantes das famílias rurais são indagadas em relação aos seus sentimentos de satisfação (muito insatisfeito, insatisfeito, indiferente, satisfeito, muito satisfeito) sobre os determinados meios e condições essenciais. (ver quadro1)

Os agentes extensionistas caracterizados pelos diversos profissionais que atuam no meio rural de Chapadão do Lageado serão indagados a respeito dos estados dos meios e condições (insustentável, sofrível, regular, bom, ótimo) ver quadro 2.

Quadro 1 – Categorias de situações, representado por aspectos variáveis, com características subjetivas, consideradas relevantes a respeito dos meios e condições para se ter *qualidade de vida* (adaptado BUOGO, 2003).

Sentimento que poderiam estar contidos nas possíveis respostas que revelariam o grau de satisfação do membro da família entrevistada, em relação aos meios/condições										
Aspectos variáveis	Muito Insatisfeito		Insatisfeito		Indiferente		Satisfeito		Muito Satisfeito	
Meio ou condição										
Nota	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Quadro 2 – Categorias de situações, representado por aspectos variáveis considerados relevantes para a caracterização dos estados dos meios e condições para se ter *qualidade de vida* (adaptado BUOGO, 2003).

Descrição do aspecto, considerado relevante em uma situação que os agentes extensionistas classificam como:										
Aspectos variáveis	Insustentável		Sofrível		Regular		Boa		Ótima	
	Meio ou condição									
Nota	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Portanto, a ordem quantitativa dar-se-á no final de cada pergunta, na qual o entrevistado, seja o membro da família rural ou o profissional da extensão, objetivamente, estabelecerá em intervalos de 0 (zero) a 10 (dez) uma nota.

A fase das entrevistas ocorreu entre os meses de junho e julho de 2011. A procura por membros familiares se deu de forma aleatória, porém com o cuidado de serem distribuídas as entrevistas em diferentes comunidades. Ao serem abordados pela entrevistadora, foi exposto ao entrevistado o objetivo da visita e estudo, apontando que os mesmos tinham total liberdade em querer ou não participar. Seus nomes estão guardados em sigilo pela autora assim como as entrevistas gravadas. As entrevistas tiveram a duração média de 50 minutos.

Devido a heterogeneidade da população buscou-se uma amostragem a partir da referência dada por BARBETTA (2008) através da equação denominada como amostra aleatória simples:

$$n = (N * n^{\circ}) / (N + n^{\circ})$$

Onde: **n** = tamanho (número de elementos) da amostra;

N = tamanho (número de elementos) da população;

n^o = uma primeira aproximação para o tamanho da amostra que é dado por: **n^o = 1 / (E^o)²**

E^o = erro amostral tolerável - especificou-se um erro amostral admissível de 20%, ou seja:

A amostra foi de 25 entrevistas para representar parte do universo que compõe as famílias rurais de Chapadão do Lageado e 7 entrevistas com os profissionais da extensão rural.

5– RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 – Percepção sobre os meios e condições essenciais

O início da prática do desenho rico ocorreu em uma manhã fria do mês de maio/2011 e teve a duração de 4 horas. Inicialmente os grupos foram envolvidos com alguns questionamentos para familiarizar-se com a prática do desenho rico, veiculando uma reflexão coletivamente compartilhada sobre o mundo-real das famílias daquele lugar. Após esta discussão de interpretação da metodologia, os grupos iniciaram a prática do desenho rico como ilustram as figuras 1 e 2.

Após a construção do desenho rico, os grupos em discussão conscientes dos diferentes meios e condições que permeiam o entendimento sobre *qualidade de vida*, elegem os meios essenciais e condições desejáveis, para que as famílias rurais tenham *qualidade de vida* no município de Chapadão do Lageado.

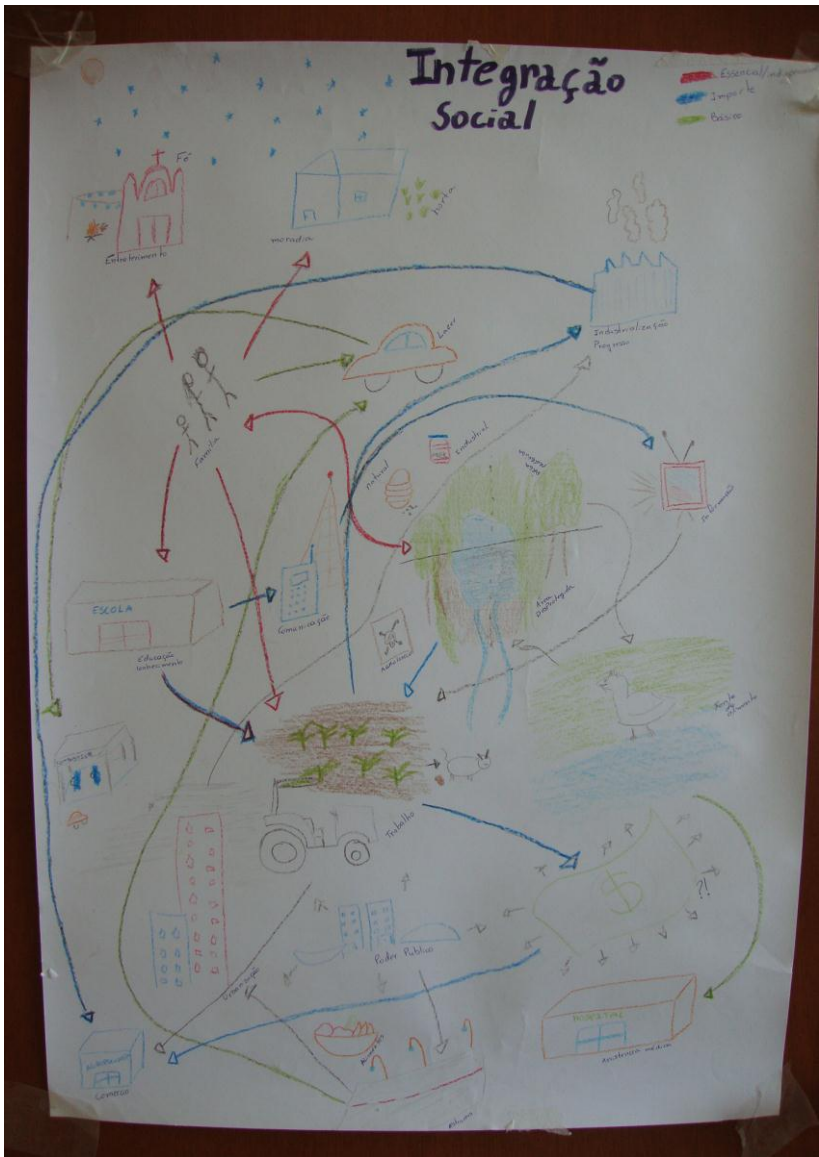
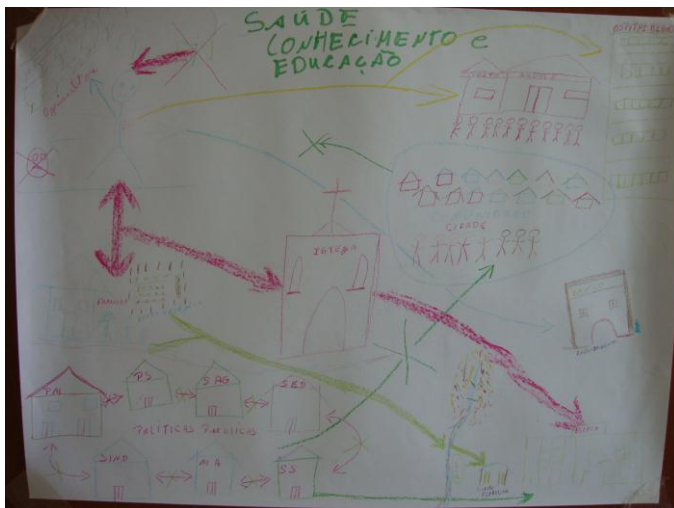


Figura 1 – Resultado do trabalho realizado no Chapadão do Lageado/SC, maio de 2011. O Desenho rico representa para a pesquisa o fenômeno da percepção sobre o entendimento da *qualidade de vida*.



Figuras 2 – Resultado da prática Rich Pictures. Os meios e condições são revelados através do desenho e escolhidos segundo os grupos percebem como essenciais para ser ter *qualidade de vida*. Chapadão do Lageado/SC, maio de 2011.

Os meios e condições essenciais coletivamente apontados e revelados por diferentes categorias sociais, indissociáveis do contexto e essenciais para se ter *qualidade de vida* nas áreas rurais do município de Chapadão do Lageado, referem-se a: Água – Alimentação - Políticas públicas – Trabalho – Educação – Lazer – Família – Comunidade – Moradia – Banco (estrutura) – Instalações médico hospitalares – Financeiro familiar.

O levantamento destas variáveis (meios e condições) servirá de base para a construção do roteiro das entrevistas semi-estruturadas com caráter qualitativo e quantitativo, instrumento necessário para a aplicação do método IQV/ IQCV.

5.3 - Calculando qualidade de vida e condições para viver

Após a realização das entrevistas os dados foram ordenados em forma de tabela.

Os meios e condições levantados como essenciais foram agrupados e passaram a ser exemplificados através de três dimensões: ambiental, econômica e social.

Conforme os autores do método D'AGOSTINI & FANTINI (2008), para os meios e condições de cada uma das dimensões é possível caracterizar um desvio (δ) correspondente ao distanciamento entre as condições verificadas e aquela a ser “de todo desejável”.

Cada meio e condição recebeu dos entrevistados uma “nota” (Z), como já descrito nos quadros 1 e 2 .

O afastamento dado à condição desejável para determinada variável pode estar quantitativamente associada a valores de desvios contidos no intervalo [0-1], fornecendo informações sobre a dispersão ou heterogeneidade dos valores atribuídos a cada meio e condição. Portanto, as respectivas notas atribuídas pelos entrevistados foram divididas por 10 para serem enquadradas entre o intervalo de [0-1] revelando os possíveis afastamentos (δ - desvios).

As tabelas 1, 2 e 3 representam o universo quantitativo a partir dos desvios (δ) dado por cada entrevistado em relação a cada meio e condição.

Tabela 1 - Dimensão Ambiental: Desvios (δ) em relação ao estado desejável ($< = 1$) dos meios e condições essenciais, apresentando a heterogeneidade dos valores atribuídos pelos diferentes indivíduos e categorias entrevistadas.

DIMENSÃO AMBIENTAL				
FAMÍLIAS AGRICULTORAS				
	água	alimentação	moradia	inst. méd. hosp.
1	0,2	0,7	0,4	0,2
2	0,1	0,2	0,2	0,3
3	0,3	0,3	0,3	0,6
4	0,4	0,3	0,6	0,4
5	0,2	0,2	0,2	0,2
6	0,7	0,2	0,5	0
7	0,1	0,2	0,2	0,1
8	0,2	0,2	0,3	0,1
9	0	0,2	0,4	0,1
10	0	0	0,2	0,1
11	0	0,2	0,4	0,5
12	0	0,1	0,2	0,3
13	0	0,2	0,2	0
14	0	0,1	0,2	0
15	0	0,2	0,4	0
16	0,5	0,3	0,2	0,1
17	0	0	0,5	0
18	0,3	0,2	0	0
19	0,5	0,5	0,7	0,1
20	0	0,3	0,1	0,1
21	0	0,3	0,1	0,1
22	0,2	0,3	0,4	0,2
23	0,3	0,2	0,2	0,1
24	0,1	0,4	0,3	0,3
25	0	0,1	0,4	0,1
Σ6	0,164	0,236	0,304	0,16
AGENTE EXTENSIONISTA				
1	0,4	0,3	0,5	0,5
2	0,6	0,2	0,4	0,3
3	0,5	0,5	0,6	0,4
4	0,6	0,4	0,5	0,5
5	0,7	0,7	0,4	0,6
6	0,5	0,6	0,5	0,5
7	0,4	0,5	0,5	0,5
Σ6	0,529	0,457	0,486	0,471

Tabela 2 - Dimensão Econômica: Desvios (δ) em relação ao estado desejável (≤ 1) dos meios e condições essenciais, apresentando a heterogeneidade dos valores atribuídos pelos diferentes indivíduos e categorias entrevistadas.

DIMENSÃO ECONÔMICA				
FAMÍLIAS AGRICULTORAS				
	banco	trabalho	políticas públicas	financeiro
1	0,4	0,5	0,4	0,4
2	0,6	0,2	0,3	0,4
3	0,8	0,7	0,3	0,6
4	0,6	0,7	0,1	0,6
5	0,5	0,5	0,1	0,4
6	0,5	0,3	0,3	0,3
7	0,4	0,2	0,1	0,5
8	0,5	0,4	0,1	0,6
9	0,3	0,1	0,5	0,3
10	0,1	0,1	0,2	0,1
11	0,5	0,6	0,1	0,5
12	0,1	0	0,5	0,1
13	0,1	0,1	0,5	0,1
14	0,1	0,1	0,5	0,1
15	0,2	0,1	0,4	0,1
16	0,3	0,3	0,3	0,4
17	0,3	0	0,2	0,2
18	0,4	0	0,4	0,3
19	0,5	0,2	0,5	0,4
20	0,2	0,3	0,5	0,4
21	0,5	0,3	0,5	0,3
22	0,3	0,2	0,4	0,4
23	0,2	0,4	0,3	0,3
24	0,1	0,4	0,5	0,3
25	0,1	0,4	0,2	0,3
Σ	0,344	0,284	0,328	0,336
AGENTE EXTENSIONISTA				
1	0,3	0,5	0,5	0,5
2	0,2	0,3	0,3	0,4
3	0,4	0,7	0,4	0,5
4	0,2	0,8	0,3	0,5
5	0,2	0,4	0,5	0,6
6	0,3	0,7	0,5	0,6
7	0,4	0,6	0,4	0,5
Σ	0,286	0,571	0,414	0,514

Tabela 3 - Dimensão Social: Desvios (δ) em relação ao estado desejável (≤ 1) dos meios e condições essenciais, apresentando a heterogeneidade dos valores atribuídos pelos diferentes indivíduos e categorias entrevistadas.

DIMENSÃO SOCIAL				
FAMÍLIAS AGRICULTORAS				
	educação	lazer	comunidade	família
1	0,2	0,4	0,5	0,3
2	0,2	0,2	0,2	0,2
3	0,4	0,4	0,2	0,2
4	0,6	0,4	0,5	0,1
5	0,2	0,1	0	0,2
6	0,4	0,5	0,2	0,3
7	0,1	0,1	0,2	0
8	0,3	0,1	0,1	0
9	0,2	0,3	0,3	0
10	0,4	0,2	0	0
11	0,3	0	0,2	0
12	0,2	0,2	0	0
13	0,3	0,3	0,5	0,1
14	0,3	0,5	0,5	0
15	0,3	0,3	0,5	0
16	0,2	0,2	0,1	0,1
17	0	0,2	0,5	0
18	0	0,5	0,4	0,8
19	0,4	0,7	0,6	0,4
20	0,4	0,7	0,6	0,4
21	0,2	0,7	0,5	0,4
22	0,3	0,5	0,4	0,3
23	0,2	0,3	0,5	0,3
24	0,4	0,2	0,5	0
25	0,2	0,2	0,4	0
$\Sigma 6$	0,268	0,328	0,336	0,164
AGENTE EXTENSIONISTA				
1	0,3	0,7	0,5	0,4
2	0,7	0,8	0,2	0,3
3	0,6	0,9	0,4	0,9
4	0,5	0,7	0,5	0,8
5	0,3	0,7	0	0,5
6	0,5	0,8	0,5	0,6
7	0,6	0,7	0,4	0,5
$\Sigma 6$	0,5	0,7571	0,35714286	0,5714

É partir do intervalo [0-1] entre os desvios sobre cada meio e condição individual e coletivamente compartilhado que o algoritmo do método possibilita obter o valor do IQV e do IQCV.

Para obter os resultados dos indicadores IQV/IQCV obtêm-se primeiramente os indicadores parciais das condições para viver (ICA – indicador das condições ambientais/ ICE – indicador das condições econômicas/ ICS – indicador das condições sociais) e os indicadores parciais de satisfação em viver (ISA – indicador de satisfação ambiental/ ISE – indicador de satisfação econômica/ ISS – indicador de satisfação social).

Os indicadores parciais valorizam as diferenças de valores entre os meios e condições que caracterizam *qualidade de vida* em cada dimensão e entre as diferentes dimensões. Isto ocorre porque o método pressupõe que para garantir uma boa qualidade das condições para viver, mais importante do que dispor de ótimos estados em alguns dos meios e condições essenciais, é dispor de condições homoganeamente satisfatória em todos os aspectos essenciais. Em outras palavras, o método leva em conta o grau de irregularidade (r) entre os meios e condições considerados adequados para avaliação através do resultado dos seus desvios. Consequentemente valoriza a ocorrência de grandes desvios em relação à condição desejada. Isto demanda poder valorizar uma relação entre os (N) aspectos considerados e os (n) aspectos que apresentem grandes desvios (equação 1). Já o (w) é a importância (peso) de cada aspecto para cada dimensão e o somatório de (w_i) é unitário (D'AGOSTINI & FANTINI, 2008).

Os indicadores parciais ICA, ISA, ICE, ISE e ICS, ISS são obtidos a partir da mesma equação(1), com referencia a respectiva dimensão:

$$ICA, ISA, ICE, ISE, ICS, ISS = 1 - \left(r \sqrt[n]{\sum_{i=1}^N (\delta_i)^r \cdot w_i} \right)^{1-n/N} \quad (1)$$

Portanto, o método considera para seus indicadores parciais:

- (1) As médias de desvios ($\Sigma \delta$) para cada aspecto em sua respectiva dimensão;
- (2) O somatório das médias ($\Sigma \delta$) em cada dimensão, multiplicado pelo número de aspecto considerado (1) sobre o número de aspectos que compõe cada dimensão (4);
- (3) Potencializa a relação entre o número de aspectos considerados (N=4) e os (n) aspectos que apresentem grandes desvios em cada dimensão.

Os indicadores parciais ICA, ISA, ICE, ISE, ICS e ISS também assumirão os valores contidos no intervalo [0-1].

O valor do IQV/IQCV tenderá à unidade (valor máximo 1) quando todos os meios e condições de cada uma das dimensões apresentarem em condições de todo desejável para o contexto. E os indicadores evidentemente tenderão a zero quando todos os meios e condições consideradas essenciais apresentarem-se em condições de todo inaceitável para o contexto.

O método parte do pressuposto que para promover uma boa *qualidade de vida* o desenvolvimento entre as diferentes dimensões, deve ocorrer de forma indissociável.

Portanto, o IQCV deverá resultar como expressão do produto entre os indicadores parciais ICA, ICE e ICS a serem derivados a partir dos estados verificados para os respectivos meios e condições. Assim, como o IQV deverá resultar também, do produto entre ISA, ISE e ISS a serem derivados a partir do sentimento de satisfação em viver os respectivos meios e condições essenciais. Os indicadores parciais individualmente são elevados ao expoente (w), correspondente ao peso para cada um dos indicadores (1/n° de dimensões):

$$IQV = ISA^{0,33} \cdot ISE^{0,33} \cdot ISS^{0,33}$$

$$IQCV = ICA^{0,33} \cdot ICE^{0,33} \cdot ICS^{0,33}$$

5.1- Apontando relações entre os meios e as condições essenciais

O diferencial em utilizar uma ferramenta metodológica como o IQV/IQCV está na possibilidade de apontar a subjetividade dos entrevistados e valorizar quantitativa e qualitativamente uma proposta.

Ao aplicar o método, o indicador da qualidade das condições para viver (IQCV) resultou em 0,51 e o indicador de qualidade de vida (IQV) resultou em 0,46. Ou seja, as famílias rurais estão menos satisfeitas com os meios e condições que vivem do que os profissionais da extensão, que consideram “de todo o desejável” os estados dos meios e condições disponíveis a estas famílias.

Por mais que as duas categorias estudadas percebam de forma convergente onde estão as maiores necessidades a serem trabalhadas, essas acabam por atribuir diferentes significados para cada meio e condição.

Como esclarece um dos autores do método:

[...] o grau de objetividade de uma informação, bem como seu respectivo significado é sempre relativo ao contexto da comunicação. Se objetiva, quanto mais precisa a informação, maiores as possibilidades de que a mensagem emerja com significado, dentro do subjetivo ato de interpretar.
(D'AGOSTINI & CUNHA 2007)

Todavia, torna-se significativo e potencialmente efetivo apresentar quantitativamente os afastamentos das condições desejadas (média entre desvios) entre cada meio e condição nas diferentes dimensões, assim como os resultados dos indicadores parciais de cada dimensão (tabela 6). Uma forma de sistematizar possíveis campos para ações que possivelmente manifestaria uma melhoria nas condições para viver.

Tabela 4 - Média dos desvios ($\Sigma\delta$) para cada meio e condição essencial, levantados a partir dos entrevistados em diferentes categorias. E o resultado dos indicadores parciais das dimensões ambientais, econômicas e sociais para a definição do IQV e IQCV no município do Chapadão do Lageado/SC.

Meios e condições	$\Sigma\delta$ famílias rurais	$\Sigma\delta$ agentes extensionistas
Água	0,16	0,52
Alimentacao	0,23	0,45
Moradia	0,3	0,48
Inst. Med. Hosp.	0,16	0,47
Indicador parcial ambiental	ISA=0,53	ICA=0,30
Banco	0,34	0,28
Trabalho	0,28	0,57
Políticas publicas	0,32	0,41
Financeiro familiar	0,33	0,51
Indicador parcial econômica	ISE=0,43	ICE= 0,58*
Educacao	0,26	0,5
Lazer	0,32	0,75
Comunidade	0,33	0,35
Familia	0,16	0,57
Indicador parcial social	ISS=0,47	ICS= 0,51 *
	IQV=0,46	IQCV=0,51

*Considera-se a ocorrência de grandes desvios em relação à condição desejável.

Dimensão Ambiental - Nota-se que o indicador parcial de satisfação ambiental (ISA) resultou em 0,53 e o indicador parcial da condição ambiental (ICA) resultou em 0,30. Ou seja, as famílias rurais estão mais satisfeitas quanto aos meios e condições ambientais do que

os profissionais da extensão rural em referencia aos estados dos meios e condições disponíveis.

Os agentes extensionistas contextualizam a dimensão ambiental e associam através dos depoimentos, parte da vulnerabilidade dos meios e condições ambientais. A exemplo a água ($\Sigma \delta = 0,16/0,52$) e inst. méd. hosp. ($\Sigma \delta = 0,16/0,47$), uma relação direta e significativa com as práticas ligadas a agricultura. A utilização de agrotóxicos e a exposição às lavouras de fumo foi uma condição lembrada por todos os profissionais quanto à dimensão ambiental. Já para as famílias rurais, essas presumem simplesmente o fato de ter acesso a esses meios, a água é de graça e não falta, e o trabalho de remediar a ser oferecido pelas instalações médico hospitalares é sempre correspondido.

Quanto ao meio e condição alimentar ($\Sigma \delta = 0,23/0,45$) os menores desvios em relação ao desejável estão relacionados ao sentimento de satisfação das famílias rurais. Sentem-se satisfeitos quanto a este meio e condição, apesar de possuírem dependência de sazonalidade, de restrições para o plantio de subsistência devido a escassez de mão de obra e excesso de trabalho nas propriedades, de estar acessível a compra de alimentos seja nos mercados ou em feiras ambulantes que percorrem as comunidades.

O estado voltado principalmente para questões nutricionais e gastos orçamentários referente à compra de alimentos é uma preocupação dos agentes extensionistas principalmente daqueles ligados a área da saúde e assistência social.

Quanto à moradia ($\Sigma \delta = 0,30/0,48$) apesar de ter diferenças entre os afastamentos ambas as categorias atribuem semelhantes significados para este meio. Tanto para os agentes da extensão quanto para as famílias rurais, as moradias apresentam-se inacabadas e sempre exigindo alguma reforma.

Para valorizar mais elementos levantados nesta pesquisa, o quadro 3 representa parte dos depoimentos dos entrevistados, com viés coletivo, atribuindo os diferentes significados entre as categorias sociais. A descrição surge a partir do que é percebido pela pesquisadora, como comum entre os indivíduos da mesma categoria em relação a cada meio e condição abordado.

Quadro 3 - Significados atribuídos e coletivamente compartilhados entre os depoimentos das diferentes categorias entrevistadas a respeito dos meios e condições que caracterizam a dimensão ambiental.

	Famílias Agricultoras	Agentes Extensionistas
Água	<p>“A nossa água vem do mato, da natureza, não tem cheiro, a cor dela é branca e nunca faltou”</p> <p>“Só no tempo de chuva vem meio amarelada”</p>	<p>“Falta conscientização das pessoas quanto ao uso de agrotóxicos nas plantações, pois as águas se encontram próximas as nascentes”</p>
Alimentação	<p>“A gente tem de tudo carne, leite, ovos”</p> <p>“Todo dia tem feijão e arroz, salada tem tempo que é menos”</p> <p>“Fruta quase sempre tem alguma plantada”</p>	<p>“As refeições embora haja fartura e seja muito utilizado alimentos naturais, há também um desequilíbrio nutricional considerável, o que resulta grande demanda de pacientes com elevada taxa de colesterol e doença hipertensiva”</p>
Moradia	<p>“Está mais ou menos, a gente sempre tá fazendo uma reforma, sempre precisa de alguma coisa”</p> <p>“Depois desses problemas com a safra eu não consegui mais reformar”</p>	<p>“As casas visitadas por mim, apresentam uma série de fatores que com certeza são prejudiciais (frestas, goteiras, lama ao redor da casa, dificuldade para chegar na moradia...”</p>
Inst. Méd. Hosp.	<p>“Eles dão os medicamentos de pressão certinho pra gente”</p> <p>“Nós somos bem atendidos aqui no nosso lugar”</p>	<p>“É insustentável o uso de agrotóxicos e a exposição das famílias ao mesmo. Existe um atendimento de saúde e poucos trabalhos de educação e prevenção”</p>

Dimensão Econômica - O indicador parcial de satisfação econômica (ISE) apresenta um índice de 0,43 e o indicador parcial da condição econômica (ICE) revelado pelos profissionais da extensão rural igual a 0,58. Ou seja, para os profissionais da extensão rural os

meios e condições que caracterizam esta dimensão apresentam melhor estado ao comparar com o sentimento de satisfação das famílias em viver estes meios e condições.

Os discursos que permeiam esta dimensão são similares comparando com outras duas categorias, apesar de atribuírem diferentes notas para os meios e condições.

Os endividamentos devido ao mau uso das políticas de crédito agrícola e empréstimos a baixos juros, a necessidade de buscar outras fontes de renda familiar, a produção de alimentos como uma forma de redução de despesas são significados compartilhados entre as diferentes categorias.

Entretanto o significado através das notas atribuídas são de todo divergentes, a exemplo: para os meios e condições que caracterizam o item trabalho ($\Sigma \delta = 0,28/0,57$) e familiar financeiro ($\Sigma \delta = 0,33 /0,51$). Neste caso os profissionais da extensão apesar de reconhecer que a situação é praticamente regular, conseguem vislumbrar em seus trabalhos as possibilidades de reverter estes quadros, condicionando as famílias rurais a uma aproximação maior do desejável.

Já as famílias rurais diante dos significados atribuídos, pressupõem que apesar de todas as dificuldades enfrentadas, dada pelas limitações da escolaridade, falta de informação e uma situação financeira desfavorável, existe no ambiente uma sensação de “confortamento” limitado e não de motivação para a melhoria e transformação desses meios. Ao mesmo tempo, ao avaliar os depoimentos da categoria agricultores, as dificuldades econômicas geralmente não são reconhecidas nos próprios indivíduos entrevistados mas sim nas experiências dos outros. A dimensão econômica diferentemente das outras está imbuída de certa vergonha e omissão.

O discurso de agregação de valores, alternativas de renda, e presença de políticas públicas favoráveis faz parte do discurso dos diferentes profissionais ao descreverem o estado desejável.

O quadro 4 exemplifica os diferentes significados atribuídos pelas duas categorias em relação a cada meio e condição essencial na busca por *qualidade de vida*.

Quadro 4 - Significados atribuídos e coletivamente compartilhados entre os depoimentos das diferentes categorias entrevistadas a respeito dos meios e condições que caracterizam a dimensão econômica.

	Famílias Agricultoras	Agentes Extensionistas
Banco	“O dinheiro do banco dá uma segurada”	“Hoje tem facilidade para financiar, até demais” “O financiamento está associado à compra de tratores”
Trabalho	“A gente tem um pouco de leite, ovos, mas o fumo é o principal, a gente não sabe fazer outra coisa” “Meu filho trabalha fora e graças a Deus mora comigo”	“Quem faz uma boa safra se dá bem, as condições para produzir são boas”
Políticas públicas	“Já melhorou bem, tá crescendo” “Muita gente manda e poucos fazem” “Não tem sapato que aguenta”	“Melhorou em alguns aspectos e piorou em outros”
Financeiro familiar	“Quem trabalha com a fomicultura não tem tempo para fazer outra coisa” “A gente gasta muito com produto de limpeza”	“Chapadão precisa abrir as portas para outros empregos, o custo de vida aqui é alto”

Dimensão Social - O indicador parcial de satisfação social (ISS) apresenta um índice de 0,47 e o indicador parcial da condição social (ICS) igual a 0,51. Entende-se que as famílias rurais estão menos satisfeitas em relação a esses meios e condições sociais do que a

avaliação realizada pelos profissionais da extensão em relação aos estados dos meios.

Para a dimensão social, os meios e condições representados através das relações que determinam, a educação, o lazer e a família, possuem os maiores afastamentos entre as duas categorias.

Chama-se a atenção para o meio e condição lazer ($\Sigma \delta = 0,32/0,75$) e família ($\Sigma \delta = 0,16 /0,57$). Há certa uniformidade nos depoimentos das famílias rurais em não distinguir diferentes atributos entre os meios família e lazer. Para essa categoria estar com os seus familiares nos dias de folga é uma forma de lazer com alto grau de satisfação. Alguns familiares temem que quando os seus filhos crescerem esse meio e condição (lazer) possa seguir para um estado mais sofrível se afastando do que hoje parece o ideal.

Já para a categoria dos agentes extensionistas parte vinda de outras regiões ou centros urbanos, descrevem a falta de lazer relacionado ao acesso a outros bens como cinemas, teatros de rua, música, eventos culturais em geral, casas de dança e até mesmo uma praça. Apenas uma das 25 famílias entrevistadas reconheceu a falta de lazer associada a outros entretenimentos.

Quanto ao meio e condição familiar há uma queixa por parte das mulheres em relação ao autoritarismo dos homens. Os profissionais também reconhecem que há certa desmobilização das mulheres devido ao autoritarismo de seus maridos, porém as duas categorias atribuem diferentes significados.

Os profissionais descrevem nas entrevistas que a falta de autonomia das mulheres poderia estar travando a melhoria de outros meios e condições como a alimentação, trabalho e renda. Já as mulheres se sentem culturalmente protegidas por seus maridos.

O meio e condição comunidade ($\Sigma \delta = 0,33/0,35$) é reconhecido quase que igualmente para ambas as categorias como um bom estado e satisfação. Este positivismo pode estar associado aos números de associações juridicamente reconhecidas como as associações de desenvolvimento das microbacias, associações de bairros, de mulheres e de caráter religioso.

A condição educação ($\Sigma \delta = 0,26 /0,50$) tende a ser de todo satisfatória para as famílias rurais. Acreditam que atualmente, há mais oportunidades de estudos, cursos superiores a distância e cursos de alternância são algumas das modalidades presentes no município

oportunizando alguns jovens ao acesso a educação. Agora, os agentes extensionistas atribuem uma condição regular à educação, pois constatam que boa parte das famílias agricultoras possuem baixo grau de escolaridade.

As descrições de significados comuns entre os entrevistados e diferentemente entre as categorias está descrito no quadro 5.

Quadro 5 - Significados atribuídos e coletivamente compartilhados entre os depoimentos das diferentes categorias entrevistadas a respeito dos meios e condições que caracterizam a dimensão social.

	Famílias Agricultoras	Agentes Extensionistas
Educação	<p>“Eu quis terminar mais o homem não deixou”</p> <p>“Hoje tem esses cursos a distância, isso ajudou muito os nossos filhos”</p>	<p>“Acho essa uma condição sofrível devido ao baixo grau de escolaridade da grande maioria (até 4 série), onde um pequeno grupo apenas se destaca com nível superior e busca aperfeiçoamento”</p>
Lazer	<p>“No domingo a gente se visita e a família assiste uma televisão”</p> <p>“Nós temos ginásio de esportes, bem dizer é só isso”</p>	<p>“O único lazer que eles tem é o “tal” de dominó no “boteco” ou o jogo de futebol nos finais de semana. As mulheres não fazem nada além do que trabalhar e cuidar dos filhos”</p>
Comunidade	<p>“Eu queria entrar numa cooperativa para continuar a trabalhar com ovos”</p> <p>“Eu ajudo os vizinhos quando não tá muito apertado nas lavouras”</p>	<p>“Existe um grande envolvimento dos agricultores em associações. Parecem ter um bom relacionamento com a comunidade”</p>
Família	<p>“Eu não me meto muito nas coisas dela e ela não se mete nas minhas”</p> <p>“Tem hora que o bicho pega”</p>	<p>“O homem geralmente decide tudo sozinho, sem perguntar a opinião das mulheres e dos filhos, e são eles que mais ajudam e menos ganham”</p> <p>“Eles não tem mais tempo para pensar na família, é são trabalho”</p>

5.2 – A importância dos serviços relacionados aos meios e condições disponíveis na busca por *qualidade de vida*

A respeito dos meios e condições considerados importantes a respeito para a promoção da *qualidade de vida*, estes possuem significados além da construção metodológica da pesquisa. São dados que passam a refletir uma realidade local e nos conduz a perceber o que de fato é importante para os cidadãos quando discute a busca por *qualidade de vida*.

Compreender os meios e condições que determinam ou causam possíveis mudanças no ambiente é essencial para delinear novas intervenções que ampliem os efeitos positivos e minimizem os negativos, sobre aquilo que os indivíduos, do contexto local, determinam ou reconhecem como importantes no seu viver.

Estes meios e condições passam a caracterizar e conceituar *qualidade de vida* principalmente para os indivíduos da esfera local que vivenciam diretamente estes componentes.

Os meios e condições com características locais também devem ser reconhecidos, apesar das dificuldades e limitações, pelas esferas compostas pelo poder público e privado, regional, nacional e internacional que passam a agir e a atender seus interesses de forma direta ou indiretamente, uma oportunidade de valorizar e respeitar a ordem local. Lembrando que em decorrência das dificuldades e limites, uma avaliação local unicamente não satisfaz as exigências de uma avaliação global e tão pouco ao contrário. Para organizar os meios e condições levantados na pesquisa e retratar sua maior importância, utilizou-se como base um relatório que enfoca o bem-estar humano como ponto central da avaliação, o Relatório do Grupo de Trabalho da Estrutura Conceitual da Avaliação Ecosistêmica do Milênio (2005).

Este documento com caráter internacional inclui o bem-estar humano como ponto central de avaliação e pressupõe que existe uma interação dinâmica entre as pessoas e os ecossistemas, e que a mutável condição humana serve como propulsor direto ou indireto das mudanças nos ecossistemas, e que estas mudanças provocam modificações no bem-estar humano (AVALIAÇÃO ECOSSISTÊMICA DO MILÊNIO, 2005; p61). O bem-estar humano, segundo este relatório, tem múltiplos componentes, entre os quais os básicos para uma boa vida, liberdade e opções, saúde, boas relações sociais e segurança. Os componentes do

bem-estar experimentados e percebidos pelas pessoas dependem da situação, refletindo a geografia, a cultura e as circunstâncias locais (AVALIAÇÃO ECOSSISTÊMICA DO MILÊNIO, 2005).

Entende-se que *bem estar* e *qualidade de vida* no seu sentido mais amplo, acabam tendo similaridades conceituais por considerarem a percepção e subjetividade dos indivíduos nos seus entendimentos. Ultrapassa conceitualmente a barreira que leva ao acesso de bens materiais, que acabam apenas por estabelecer um padrão de vida a ser aceito e não essencialmente evidenciam um estado da *qualidade de vida*.

Entende-se que não há *qualidade de vida* melhor ou pior, o que existe é uma maior ou menor satisfação em viver determinados meios e condições que ao serem criados ou proporcionados determinam um ambiente.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) ao propor uma definição sobre *qualidade de vida* considerou a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (The WHOQOL Group, 1995 apud FLECK, 2000).

Ao mesmo tempo, compreende-se que os meios e condições presentes no ambiente são os benefícios e resultados que as pessoas obtêm da sua percepção como fenômeno, e das ofertas e demandas por serviços diferentemente prestados pela esfera local, regional, nacional e internacional.

Do mesmo modo, a partir dos meios e condições levantados pela comunidade estudada (Água – Alimentação - Políticas públicas – Trabalho – Educação – Lazer – Família – Comunidade – Moradia – Banco – Instalações médico hospitalares – Financeiro familiar) e seus sentimentos e significados a respeito dos mesmos, esclarecem que tipos de serviços ou propostas a extensão rural poderá considerar nas suas ações e estratégias, para o desenvolvimento junto às famílias rurais.

Para isso, organizou-se estes meios e condições como serviços a serem prestados ao agroecossistema. Esta ordenação dos meios e condições tem influência instrumental do relatório internacional AVALIAÇÃO ECOSSISTÊMICA DO MILÊNIO (2005).

A figura 3 organiza e considera os tipos de serviços que podem afetar o bem estar humano dos cidadãos que vivem no município de Chapadão do Lageado, conseqüentemente sobre as suas *qualidades de vida*.

Incluem-se na análise os possíveis serviços de ABASTECIMENTO, de REGULAÇÃO e de BENS CULTURAIS, que afetam diretamente as pessoas, além dos serviços de APOIO necessários para manter outros serviços.

Mudanças nesses serviços afetam o bem-estar humano por meio de impactos na SEGURANÇA, nos BENS MATERIAIS necessários, na SAÚDE e nas relações SOCIAIS e CULTURAIS. Estes são definidos como componentes do bem-estar que influenciam as liberdades e opções das pessoas, e por sua vez, são por elas influenciados (AVALIAÇÃO ECOSISTÊMICA DO MILÊNIO, 2005, p.30).



Figura 3 – Meios e condições considerados importantes para a busca por *qualidade de vida* no município de Chapadão do Lageado/SC. Esses organizados em formas de SERVIÇOS e COMPONENTES DO BEM-ESTAR a serem prestados para o agroecossistema.

Acredita-se que esta organização entre os meios e condições não se dá unicamente de forma linear, como uma ordem hierárquica de ações, um serviço motivando o acontecimento do outro.

Possivelmente, o desejo e a necessidade por esses meios e condições acontecem simultaneamente no agroecossistema, de forma direta e indireta, dependente da esfera de atuação.

Para entender, a teoria da motivação humana de Maslow vê o ser humano como eternamente insatisfeito e possuidor de uma série de necessidades, as quais se relacionam entre si por uma escala hierárquica na qual uma necessidade deve estar razoavelmente satisfeita, antes que outra se manifeste como prioritária (HUITT, 2004).

Diferentemente de Maslow, para este estudo considera-se que a necessidade por um meio ou condição não obedece uma escala hierárquica, mas sim, a um sentimento em acessar determinado serviço, atrelado a uma necessidade ou um desejo, determinado pelos próprios meios que compõem o momento local.

Por isso, a importância em contextualizar as relações locais e “acessar” o conhecimento subjetivo que compõe as comunidades.

Afastando-se de certa “obediência” profissional a atender normas, mas sim fundamentar ações que de fato vão transformar o modo de viver coletivo em determinado local. Todavia alguns meios e condições se sobrepõem como serviços, potencializando presentes ações. Para a pesquisa, o uso da água pode ser um exemplo, primeiramente o acesso a água se dá como um serviço de abastecimento (água como meio), necessidade de ter em casa água potável e de qualidade. Para um segundo grupo, a água surge como um serviço de regulação a ser usado ou requisitado para atender a irrigação de áreas agrícolas (água como condição). Outro exemplo é a alimentação que pode ser vista como um serviço de abastecimento, um meio para produzir comida, subsistência, ou como um componente para atender a saúde, produção de alimentos livres de agrotóxicos ou acesso a uma alimentação nutricionalmente equilibrada.

Ainda sobre os meios e condições, esses podem gerar serviços de acordo com sua intensidade de ocupação ou escassez. Em vez de desencadear podem anular outros serviços. Um exemplo é o acesso a políticas públicas em relação a uma condição financeira. A efetiva geração de renda econômica, através de um trabalho pode dispensar o

uso de serviços de apoio como subsídios públicos, a exemplo a bolsa família ou a busca por créditos agrícolas em bancos.

Outros estudos revelam essa similaridade, com efeito contrário, de não obedecer a uma ordem, mas a uma privação, de que um serviço pode privar o aparecimento de outro. A privação de liberdade econômica pode gerar a privação de liberdade social, assim como a privação de liberdade social ou política pode, da mesma forma, gerar a privação da liberdade econômica (SEN, 2000).

Sobretudo é previsto que o reconhecimento destes meios e condições sob um contexto, e para o bom andamento dos serviços de extensão a serem propostos, associados ao alto grau de satisfação ou insatisfação das famílias, passam a determinar *qualidade de vida*.

É preciso lembrar que os agentes de extensão projetam nas famílias rurais, ações que na verdade os motivam, os satisfazem profissionalmente, ou apenas realizam desejos individuais para satisfazer unicamente as famílias. Afinal, qualquer indivíduo resulta da sua percepção como um fenômeno e suas condutas são guiadas pelo próprio fenômeno.

A grande importância está em considerar a percepção sobre uma ordem maior, uma ordem coletiva, representando socialmente uma categoria. A realidade, como já descrita, está associada a percepção e conduta de um coletivo.

A campo, diversas são as tentativas de aproximar às realidades que envolvem as famílias rurais. Perceber o que de fato elas sentem em comum e que tipo de emoção é desencadeado sobre uma proposta, parece ser instrumento de trabalho para poucos. É preciso dar a chance para sabermos o quanto as pessoas estão ou não emocionalmente envolvidas com aquilo que coletivamente é considerado como essencial.

Os problemas das comunidades rurais não estão somente nas atividades agropecuárias, na produtividade e na produção agrícola. Fica evidente que elas necessitam de outros serviços que não obedecem unicamente a uma ordem de acontecimentos com base econômica.

Os trabalhos voltados para o desenvolvimento das comunidades rurais possuem um histórico a ser construído em cima de um padrão de vida que é para revelar unicamente um tipo rural, diferentemente do padrão de vida para revelar o tipo urbano. Atualmente é comum perceber nas conversas com os jovens e crianças que vivem em áreas

rurais, que o padrão urbano passa a ser mais interessante, por possuir mais possibilidades em acessar diferentes serviços.

Portanto, os inúmeros problemas que as famílias rurais enfrentam não existem, exclusivamente por uma condição pessoal em querer ser assim, em limitar-se em ser. Mas muitos dos problemas, por falta de soluções existem, devido às más condições e meios que estão impostos ou minimamente colocados no ambiente em que vivem.

Cabe lembrar José Eli da Veiga um estudioso das áreas do desenvolvimento. Ele coloca que o desenvolvimento só poderia corresponder à ampliação das possibilidades de escolha: não apenas de modelos de automóvel ou canais de televisão, mas sobretudo das oportunidades de expansão das potencialidades humanas que dependem de fatores sócio-culturais, como saúde, educação, comunicação, direitos e liberdade. (VEIGA, 2001)

“O desenvolvimento é realmente um compromisso muito sério com as possibilidades de liberdade.”
(VEIGA, 2001)

Amarthya Sen, atualmente, defende que o desenvolvimento deve ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. Mas as liberdades são essencialmente determinadas por saúde, educação e direitos civis (SEN, 2000).

Por tanto a ferramenta metodológica viabilizada neste projeto, através da discussão e aplicação do indicador IQV/IQCV possibilitou levantar informações que não garantam exclusivamente as melhores decisões econômicas, pontuadas e efetuadas por dois ou quatro profissionais específicos. Os indicadores trazem informações que podem ser utilizadas como pré-requisitos, apontamentos para deliberar ações e serviços que de fato vão fazer a diferença no viver destas famílias rurais, assim como promover uma considerável transformação social.

6 – CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, as escolhas da comunidade, os sentimentos das famílias rurais, os objetivos da pesquisa, a análise sobre a extensão rural e todo o contexto, adquirem para esta discussão o papel de componentes de um agroecossistema.

Um agroecossistema é um sistema que mantém sua existência, seu funcionamento, através das interações de seus componentes e serviços entre as diversas dimensões: sociais, agrícola, ecológica, econômica, saúde, educação entre inúmeras outras, que ainda despercebidas, sozinhos não conseguimos nem imaginar.

Não há uma única condição que orienta a busca por *qualidade de vida* e tão pouco, os trabalhos com a extensão rural. Há um universo subjetivo a ser reconhecido em torno de cada desenho, dos depoimentos e de cada nota atribuída. A “visão de mundo” de cada indivíduo ao ser compartilhada através das relações sociais, através do convívio social, determina uma realidade que pode ser “boa” ou “ruim” para a permanência ou transformação dos meios e condições que compõem o contexto local, apenas auxiliando futuras intervenções.

De fato, sustenta-se o pressuposto de que há uma forte diversidade e complexidade de contextos vividos pelas famílias rurais. O que coloca muitas vezes, o sistema agrícola ou/e econômico apenas como uma parte do agroecossistema. E se apenas uma parte for atendida, seja econômica, social ou ambiental e seguindo uma forma hierárquica de ações, haverá certa tendência em uniformizar as orientações de intervenção, através dos trabalhos oferecidos pelos agentes extensionistas.

A consciência sobre a presença de diferentes serviços, componentes e suas relações ultrapassa o pensamento disciplinar, e exige do profissional que atua sobre o agroecossistema um pensamento mais crítico sobre as diversas disciplinas. Sugere-se aceitar a subjetividade como parte da realidade a ser considerada nos diferentes estudos. A extensão rural necessita, constantemente, de novas abordagens para a sua atuação, de acordo com o espaço e o tempo vivido pelas inúmeras famílias rurais. O referencial teórico apresentado, orienta para que a subjetividade através da percepção seja reconhecida nos indivíduos e no interesse coletivo, representando socialmente uma realidade, deixando de ser uma condição oculta e relativa. Como já se

pressupunha e apesar dos resultados dos indicadores IQV/IQCV apontarem certa coerência e aproximação nos resultados, o que revela um viver homoganeamente satisfatório; o uso do método detecta de forma sistemática e objetiva uma considerável divergência de percepção no que diz respeito a significância dos meios e condições essenciais ao serem analisados individualmente.

Constatou-se que os depoimentos dos agentes extensionistas contextualizam melhor os meios e condições essenciais entre as diferentes dimensões. Afinal, isto comprova que há uma capacidade mobilizadora na categoria profissional, e de que não cabe aos mesmos, inferir diretamente sobre o sentimento de viver das famílias, cabe somente contribuir em disponibilizar novas condições e (re) orientar serviços, para que as famílias rurais se manifestem mais seguras e satisfeitas com o seu viver.

As relações que as famílias rurais estabelecem com os meios e condições, estas parecem estar diretamente associadas ao simples fato de ter ou não ter acesso aos determinados meios e condições. A categoria profissional deve se exercitar eticamente para atender o seu público no que diz respeito aos seus maiores objetivos.

Pensar sobre o agroecossistema é envolver referências à promoção e realização da *qualidade de vida* para as famílias rurais. A busca pela *qualidade de vida* só tem sentido se as famílias sentirem-se mais satisfeitas com o seu viver nas diversas dimensões que definem as relações sociais.

Conclui-se que, todo exercício realizado em complexificar e sistematizar informações não se anulam. É com este exercício que se consegue perceber as maiores e reais diferenças. Com isso, profissionalmente deixa-se de determinar ações, simplesmente por achar que estas são padrões de vida a serem construídos deliberadamente e que revelariam, possivelmente uma maior satisfação em viver a vida. Neste ambiente intenso de relações e convivência humana a certeza é que, não existirá uma única resposta final.

7 – REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo - Rio de Janeiro- Campinas: Editora Hucítec, ANPOCS, Editora da Unicamp, 1992. p. 51-76

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Representações Sociais: Aspectos teóricos e aplicações à educação**. Revista Em Aberto, Brasília MEC-INEP, ano 14, n° 61, jan/mar. 1994, p. 60 a 78.

ARRUDA, ANGELA. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Cadernos de Pesquisa, n. 117, novembro/ 2002. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf> Acesso em outubro,2011.

AUED, Bernardete; FIOD, Ednan Garcia Mariel. Origem dos movimentos rurais em Santa Catarina. (Org) AUED, B.W.;PAULILO,M.I.S. **Agricultura Familiar**. Insular. Florianópolis, 2004. 328p.

AVALIAÇÃO ECOSSISTÊMICA DO MILÊNIO. Relatório do Grupo de Trabalho da Estrutura Conceitual da Avaliação Ecológica do Milênio. Título original: **Ecosystems and Human Well-being**. ECOSSISTEMAS E BEM-ESTAR HUMANO – Estrutura para uma avaliação; tradução de Renata Lucia Bottini. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

BARBETTA, Pedro Albert. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 7 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 315p.

BORDENAVE, Juan e. Díaz. **O que é comunicação rural**. 2º edição. Editora brasiliense. 1985. 104p.

BONATTI, Michelle. **Cambios climáticos, percepciones humanas y desarrollo rural**. Tesis presentada en candidatura al grado de Magíster de la Universidad de Buenos Aires, área: Desarrollo Rural. *Universidade Federal de Santa Catarina-Brasil*, 2007.

BUOGO, Geraldo. **Qualidade de Vida e de condições para se viver: entre a compreensão e a medida. Dissertação** (Mestrado em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

BRASIL. Lei n. 12.188, de 11 de janeiro de 2010. **Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária - PNATER e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária - PRONATER**, altera a Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, e dá outras providências. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos

CARVALHO, Christianne Belinzoni de. **Relação socioeconômica dos fumicultores-fumageiras da região de Sombrio, SC e uma proposta de transição agroecológica. (Dissertação)** Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006. 131p.

CAPORAL, F. R. **Política Nacional de Ater: primeiros passos de sua implementação e alguns obstáculos e desafios a serem superados.** In: RAMOS, L. e TAVARES, J. (orgs.) Assistência Técnica e Extensão Rural: Construindo o Conhecimento Agroecológico. Manaus, Ed. Bagaço. 2006. pp. 9-34.

CAZELLA, Ademir Antonio; ALVES, Arilde Franco. A Multifuncionalidade Agrícola em Zonas Rurais Contrastantes. (Org) AUED, B.W.; PAULILO, M.I.S. **Agricultura Familiar.** Insular. Florianópolis, 2004. 328p.

CEPA/EPAGRI. INSTITUTO CENTRO DE SÓCIO ECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA. EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUARIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA. Safra 2009/2010.

CEPA/AFUBRA. CENTRO DE SÓCIO ECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA/ ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL. Safra 2009/2010.

COTA JUNIOR, Márcio G. B.; FREITAS, Jonathan Simões; CHENG, Lin Chih. **Uma análise da soft systems methodology e sua utilização para melhoria do processo de desenvolvimento de cultivares em uma instituição de pesquisa agropecuária.** EISFORIA/ Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas. – v 5, n. 2(número especial) jul/dez. Florianópolis, 2007.

CHECKLAND,P. **Systems thinking, systems practice.** Chichester: Wiley, 1999. 330p.

CHECKLAND,P. **Soft Systems methodology: a thirty year retrospective.** Systems Research and Behavioral Science, 2000.

D'AGOSTINI, Luiz Renato.; FANTINI, Alfredo. C. **Quality of life and Quality of living Conditions in Rural Areas: Distinctively Perceived and Quantitatively Distinguished.** Social Indicators Research. Volume 89, Number 3,487-499, Dec 2008. DOI: 10.1007/s11205-008-9245-4.

D'AGOSTINI, Luiz Renato; CUNHA, Ana Paula Pereira. **AMBIENTE.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ESTEVES DE VASONCELLOS, Maria José. **Pensando o pensamento sistêmico novo-paradigmático e suas implicações.** EISFORIA/ Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas. – v 1, n. 2. Florianópolis, PPGAGR, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 50° edição ver. e atual. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 2011. 253p.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 13 edição, 2006. 93p

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. **O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de

Janeiro, v.05, n.01, p.01-10, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232000000100004&script=sci_arttext. Acesso em setembro de 2011.

GREGOLIN, Altemir. **Municipalização da Agricultura: o caso da assistência técnica e extensão rural de Santa Catarina**. Chapecó: Grifos, 1999. 243p.

HUITT, William G. **Maslow's Hierarchy of Needs.Educational Psychologi Interactive**, Valdosta State University, Valdosta, 2004. Disponível em: <http://chiron.valdosta.edu/whuitt/col/regsys/Maslow.html> Acesso em abril de 2011.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em janeiro 2012.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

JUNIOR, Márcio Barbosa G. C.; FREITAS, Jonathan Simões; CHENG, Lin Chih. **Uma análise da soft systems methodology e sua utilização para melhoria do processo de desenvolvimento de cultivares em uma instituição de pesquisa agropecuária**. EISFORIA. V5, n.2 (número especial), 179-198.2007

LAMARCHE, H. Por uma teoria da agricultura familiar. In: LAMARCHE, H (Coord.). **Agricultura familiar: comparação internacional – do mito à realidade**. Campinas, Ed.Unicamp, 1998, PP 303 – 336

LIMA, Jorge Roberto Tavares de; FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra. Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável. In: LIMA, Jorge Roberto Tavares de; FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra (org.). **Extensão rural, desafios de novos tempos: agroecologia e sustentabilidade**. Recife: Bagaço, 2006.

MARTINI, Oneide A. Merleau-Ponty: Corpo e Linguagem: a fala como modalidade de expressão. Dissertação (mestrado), Universidade São Judas Tadeu. São Paulo. 2006.

MATURANA R, Humberto. Emoções e Linguagem na educação e na política. Tradução: José Fernando Campos Fortes. 1 edição atualizada. Belo Horizonte: Editora. UFMG, 2009

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção* (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 2 ed. (texto original publicado em 1945), 1999.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2011. 2 ed. rev. – Editora Cortez, São Paulo.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 páginas.

MUSSOI, E. M. Perfil do Profissional para a nova ATER. **IN: Anais Congresso Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Londrina, 2008.

NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, n.13, v. 2, p. 141-148. 2008.

NUNES, Giane Karla Berticelli. Aprendizagem Sistêmica para o Desenvolvimento turístico em Praia Grande (SC): uma reflexão a partir da SSM – Soft Systems Methodology. 2008. 115f. **Dissertação** (Mestrado em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

OLIVEIRA, MÁRCIO S.B.S. *Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 19 Nº. 55. São Paulo, junho 2004.

Disponível em : <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092004000200014>
Acesso em: outubro de 2011.

PEIXOTO, Marcus. Extensão Rural no Brasil – Uma abordagem Histórica Legislação. Consultoria Legislativa do Senado Federal. Centro de Estudos. Textos para Discussão 48. ISSN 1983-0645. Brasília. Outubro, 2008.

PINHEIRO, S.L.G. O enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável: uma oportunidade de mudança da abordagem hard-systems para experiências com soft-systems. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, 1(2): 27-37, 2000.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO et al. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2000, 2010. Disponível em: <HTTP://www.pnud.org.br/atlas>. Acesso em janeiro 2012.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras. 2000, 409p.

SCHLINDWEIN, Sandro Luis. **Por que a análise sistêmica não pode refletir a realidade?** REDES, Santa Cruz do Sul, v 9, n.2, p. 95-116, maio/agosto, 2004.

SCHNEIDER, Sérgio. Políticas públicas, Pluriatividade e Desenvolvimento Rural no Brasil. **Anais do VII Congresso de La Asociación Latinoamericana de Sociologia Rural/ALASRU**. Equador, 2006.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

_____. **Desenvolvimento rural para quem?** Os desafios para a inclusão dos excluídos na ação extensionista. Revista Grifos, n° 20/21. Junho/dezembro. 2006b.

TAVARES, J.R. & RAMOS,L. **Assistência técnica e extensão rural: construindo o conhecimento agroecológico**. Manaus: 2006. 128p.

UWE, Flick. Métodos Qualitativos na Investigação Científica. Ed. Monitor. 2005. 305p

VEIGA, José Eli da. **O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento**. Estudos avançados 15(43) 2001. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a10.pdf> acesso em janeiro,2012.

8 – ANEXOS

1-MORADIA

1-Satisfação com a atual moradia, abrigado e protegido. 2-A casa em que vive está em terra própria, arrendada, familiar, herdada. 3-Teve ajuda ou algum subsídio público para a construção da casa (sindicato, prefeitura, governo...) 4- A casa possui tratamento de esgoto. 5-A importância da energia gerada por lenha ou elétrica.

2- ÁGUA

1-Qual a fonte da sua água (rio, fonte protegida, olho d'água, comunitária). 2-Sua água apresenta algum odor, cor, sedimentos. 3-A água está disponível durante todo o ano (períodos de seca e estiagem). 4-Possui água para irrigação. 5-Possui algum entendimento sobre erosão ou assoreamento. 6-Qual o seu "sentimento" em relação a mudança no código Florestal. Sob a importância da Mata Ciliar.

3- LAZER/AMIZADE

1-Principal lazer nos finais de semana. 2-Possui amigos além dos familiares. 3-Costumam tirar algum tipo de férias. 4-Que tipo de lazer a família gostaria de vivenciar que ainda não vivenciou.

4-TRABALHO

1-Você está contente com o dinheiro que ganha? Uma média por safra. 2-Principais atividades da propriedade. Agrícola ou não agrícola.3-Está contente com a atividade agrícola. Quais as principais reclamações. 4-Desejo da família em trocar a agricultura por outro trabalho. Quem gostaria e qual atividade? 5-Acessa algum tipo de crédito. Custeio, investimento? Já utilizou o crédito agrícola para outros fins? 6-Quanto tempo de dívida?

5- COMUNIDADE - VIDA SOCIAL

1-Envolvimento em associações com caráter agrícola. 2-Envolvimento em grupos religiosos. 3-Participou de algum multirão. 4-Bom relacionamento com a comunidade.

6-ALIMENTAÇÃO

1-Tem alguma consciência alimentar a partir da pirâmide nutricional? 2-Pequena lista dos principais produtos consumidos pela família? 3-Pequena lista dos principais alimentos plantados? 4-Pequena lista dos principais produtos comprados? 5-Custo médio gasto em supermercados, minimercados. (por vez).

7 - EDUCAÇÃO/CONHECIMENTO

1-Grau de escolaridade do entrevistado. 2-Algum familiar já terminou o segundo grau ou faz/fez algum curso superior. 3-Costuma realizar cursos profissionalizantes para agricultura (Sindicato, SENAR, EPAGRI), Qual? 4-Costuma assistir televisão? Que tipo de programa? Novelas, programas educativos, canais educativos. 5-Costuma participar de encontros, seminários, dia de campo. 6-Costuma ler, alguém da família. Revistas, jornais, livros.

8-FAMÍLIA

1-Quem decide alguma ação, mudança na propriedade: pai, mãe, todos...
2-Os filhos jovens possuem o sentimento de querer sair da propriedade.
3-A renda familiar é dividida entre todos os filhos trabalhadores. 4-Você ou seus pais se casaram por amor.

9-INSTALAÇÕES HOSPITALARES

1-Você já precisou do posto de saúde ou ir a hospitais da região? Em busca do que? 2-Você já utilizou dos serviços da ambulância do município. 3-Participa do Programa Saúde Família do seu município. 4-Você recebe alguma medicação gratuita ou necessita da compra dos mesmos. 5-Sua opinião sobre o Posto situado na sede do município? Desde estrutura física até atendimento médico. 6-Você ou alguém da comunidade já sofreu alguma negligencia médica? Que tipo.

10-PODER PÚBLICO/POLÍTICAS PÚBLICAS

1-Seu contentamento com as políticas municipais. 2-É atendido por algum programa institucional ou governamental. 3-Satisfeito com os políticos do seu município e região. 4-Está contente com as mudanças do seu município. 5-Qual a sua esperança com o nosso Brasil.